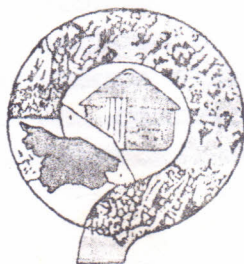


REPUBLICA DA GUINE-BISSAU
MINISTERIO DO PLANO E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL
SECRETARIA DE ESTADO DO PLANO
INSTITUTO NACIONAL DE ESTATISTICA E CENSOS

RECENSEAMENTO GERAL DA POPULAÇÃO E HABITAÇÃO 1991



Kantu djinti  Kantu kassa

ANALISE

VOLUME VIII

MULHER

POR: - MARCELIA L. R. TABORDA
- MARIA PAULA C. PEREIRA

JUNHO / 1996

PREFACIO

Este documento faz parte de uma série de dez documentos-análises ou temas realizados por consultores nacionais e um expatriado na base dos dados do Recenseamento Geral da População e Habitação, 1 a 15 de Dezembro de 1991. Esta acção (realização de análises) constitui o principal componente do projecto GBS/89/PO3 - Recenseamento, cujo objectivo mestre é o reforço de capacidades do INEC em matéria de análise de dados. Convém ressaltar que este volet foi empreendido pelo INEC desde 1993.

Esta série de análises responde às necessidades expressas nos documentos de reformas económicas e sociais empreendidas pelo Governo e vem ao mesmo tempo dissipar as preocupações dos diferentes utilizadores.

Somos de opinião de que todos os nossos esforços disseminados nas artérias governamentais e na sociedade civil convergem num único objectivo - o melhoramento das condições de vida do homem guineense.

Hoje o nosso objectivo em prossecução consiste em fornecer aos utilizadores - sejam eles nacionais, internacionais, privados ou públicos - dados suficientemente elaborados e uma análise atenciosa dos mesmos. É neste contexto preciso que consideramos o término das actividades referentes ao Censo/91 como o fim de um episódio.

Por isso, além dos dados do Censo/91 publicados em 14 volumes largamente difundidos na administração julgamos oportuno organizar de 8 a 9 de Julho de 1996 um Seminário Nacional sobre a Disseminação dos Resultados deste Recenseamento. Este seminário agrupou o conjunto da administração Central, das oito Regiões e o SAB representados pelos respectivos governadores, ONG's, agências de desenvolvimento sediadas em Bissau e órgãos de Comunicação. O interesse e a vontade manifestados por todos durante o evento, mostram que as expectativas foram atingidas e por conseguinte estamos no bom caminho e porque não desencadear a mesma acção em cada uma das oito das regiões do País.

Além do atrás referido, as análises também repondem às recomendações de conferências internacionais sobre a população e servirão de base para a concepção e adopção de uma política de População pelo Governo guineense.

Nesta análise foram tratados os seguintes temas:

Metologia (Volume I), Avaliação dos dados (Volume II), Natalidade e fecundidade (Volume III), Repartição espacial da população e migração (Volume IV), Características sociais (Volume V), Características educacionais (Volume VI), Características económicas (Volume VII), Mulher (Volume VIII), Jovens (Volume IX) e Agregados familiares e condições de habitação (Volume X).

Para a realização destas análises, o INEC contou com a participação de especialistas em domínios, tais como: Estatística, Planificação, Economia, Sociologia, Educação, Saúde Pública, Habitat, ...

Convém salientar que os técnicos envolvidos na análise tinham sido submetidos a uma formação através de um seminário e a avaliação dos trabalhos foi feita através de um segundo seminário. Ambas as acções foram dirigidas por Consultores do FNUAP/DAKAR, sendo dois do CESTI e um independente.

Aproveito esta ocasião para agradecer os membros da equipa dos consultores (autores dos documentos-análises) pelos esforços consentidos e pela tarefa cumprida bem como dos Consultores do FNUAP/DAKAR recrutados para efeitos de enquadramento.

Os meus agradecimentos também vão para o pessoal administrativo de Projecto e ao pessoal do Centro de Reprografia do INEC cujo empenho é de reconhecer.

A realização da presente análise tinha sido confiada às Senhoras MARCELIA L. R. TABORADA e MARIA PAULA C. PEREIRA, Socióloga e Economista, respectivamente e ambas funcionárias do Ministério do Plano e Cooperação Internacional. Agradeço às Senhoras MARCELIA L. R. TABORADA e MARIA PAULA C. PEREIRA pelo empenho demonstrado e a tarefa cumprida ao terem feito este tão municioso trabalho.

Enfim, exprimo os meus sentimentos de gratidão ao FNUAP (Fundo das Nações Unidas para População), ao DESIPA (Department for Economic and Social Information and Policy Analysis), organismos especializados das Nações Unidas, e ao Governo Holandês, pela sua assistência financeira e técnica.

Issufi SANE

DIRECTOR DO INEC

INDICE

	Pag
I	
INTRODUÇÃO	
1.1. Os objectivos do relatório	1
1.2. Metodol6gia	1
1.3. Contexto	2
II	
O PESO NUMÉRICO DA MULHER: EFEITOS DA MIGRAÇÃO	
2.1. O peso numérico da mulher por grupo etário e meio de residência	6
2.2. Os efeitos da migração na população feminina do meio urbano	7
2.3. Os efeitos da migração na população feminina do meio rural	8
2.4. Os efeitos da migração nas regiões	8
III	
A ESCOLARIZAÇÃO DA POPULAÇÃO FEMININA	
3.1. A escolarização feminina no meio urbano	11
3.2. A escolarização feminina no meio rural	13
3.3. A escolarização feminina nas regiões	14
3.4. A escolarização feminina e a religião	15
IV	
82% DE MULHERES SÃO ANALFABETAS	
4.1. O analfabetismo feminino por idade e sexo	16
4.2. O analfabetismo femenino consoante o meio de residência	17
4.3. O analfabetismo feminino por região	18
4.4. O analfabetismo feminino por etnia e religião	19

V

A MULHER E O ESTADO CIVIL

21

5.1.	62 mulheres por 100 homens são solteiras	21
5.2.	A precocidade do casamento feminino	22
5.3.	A mulher e a viuvez	23
5.4.	A mulher e o divórcio	24
5.5.	A mulher e o estado civil no meio urbano e rural	24
5.6.	A mulher e o estado civil nas regiões	26

VI

A MULHER CHEFE DE AGREGADO

28

6.1.	Mulher chefe de agregado no meio urbano	30
6.2.	Mulher chefe de agregado no meio rural	31
6.3.	Nível de instrução de mulheres chefes de agregado	32
6.4.	Nível de instrução de mulheres chefes de agregados no meio urbano	33
6.5.	Nível de instrução de mulheres chefes de agregados no meio rural	35
6.6.	66% de mulheres chefes de agregados são activas	36
6.6.1	Meio urbano	37
6.6.2	Meio rural	39
6.7	A mulher, o agregado familiar e a profissão	40
6.8	A mulher, o agregado familiar e a profissão, segundo o local de residência	42
6.8.1	Meio urbano	42
6.8.2	Meio rural	44

VII

MULHERES ACTIVAS

46

7.1	Mulheres activas urbana	48
7.2	Mulheres activas rural	49
7.3	Mulheres económicamente activas	50
7.3.1	Mulheres económicamente activas urbana e rural	51
7.4	Mulheres empregadas por profissão principal	52
7.4.1	Mulheres empregadas por profissão principal, segundo o meio de residência	53
7.5	Mulheres desempregadas	55
7.5.1	Mulheres desempregadas urbana e rural	56

VIII

CONCLUSÃO

57

BIBLIOGRAFIA

59

I - INTRODUÇÃO

1.1 - Os objectivos do relatório

Este relatório, sendo o resumo duma análise demográfica sobre a mulher na Guiné-Bissau, visa analisar o seu peso numérico, a sua posição como um elemento importante no processo de desenvolvimento do país e os diferentes constrangimentos a que ela está submetida. Além disso tornar-se-á possível pôr à disposição dos decisores e demais utentes as informações estatísticas sobre a mulher para melhor situar o nosso país em relação a sub região, aos PALOPS e ao resto do mundo.

No presente trabalho pretende-se demonstrar o peso numérico da mulher na população guineense, os efeitos da migração na taxa de feminidade e os efeitos da escolarização e do analfabetismo na população feminina e a sua participação na vida económica do país.

1.2 - METODOLOGIA

Para o presente estudo, foram utilizados dados estatísticos de 1979 e 1991, através dos quais foi possível fazer a análise geral da estrutura da população residente no país por grupo etário e da população feminina residente por grupo etário, que serviu de base para a análise das restantes características demográficas utilizadas no estudo, tais como: taxa de feminidade, migração, estado civil, escolarização, analfabetismo, agregado familiar e população activa. Além destes dados do censo foi necessário o uso de dados complementares para melhor situar os acontecimentos e também serviu para seguir a evolução da problemática da mulher, desde o período pré-colonial aos nossos dias.

Para a melhor compreensão deste relatório, foi pertinente a definição de alguns conceitos de acordo com o "dicionário de demografia" de Ronalde Pressant, (1979), tais como: população, população activa, trabalho, empregados, "outros" e profissão principal.

População: Conjunto dos habitantes de um território (estado, provincia, região, cidade,...). pode também designar fracções variadas deste conjunto (população feminina, população urbana, população activa, população escolar,...) que em relação a ele constituem sub-grupos de populações.

População Activa: População constituída pelo conjunto das pessoas ocupadas ou à procura de emprego. No censo de 1991 foi considerada população activa os grupos etários a partir dos 8 anos de idade. A população activa ou pelo menos parte desta população empregue, reparte-se em dois grupos principais: Um, segundo a profissão ou ofício; outro, segundo a actidade económica do estabelecimento no qual a pessoa ocupa um emprego. A evolução da população é marcada pela diminuição da importância relativa do

sector primário e secundário e, fundamentalmente, do primeiro e por um crescimento do terciário que, nos países desenvolvidos, detêm frequentemente a metade ou mais do conjunto.

Trabalho: É toda a produção de bens e serviços que sejam destinados à venda, à troca ou ao autoconsumo. A prestação de serviço militar obrigatório é considerada trabalho. Não inclui, o conceito de trabalho, as tarefas relacionadas com as actividades domésticas. Inclui, porém, o conceito de trabalho, as actividades relacionadas com pequenos trabalhos agrícolas, normalmente feitos pela mulher, para obtenção de produtos agrícolas para consumo do seu agregado familiar ou para venda.

Entende-se por 12 meses de trabalho, o período de 260 horas. Estas horas poderão ter sido realizadas, ao longo do ano anterior a data do recenseamento, de forma descontínua e não obrigatoriamente feitas seguidamente.

Desempregados: São todos os indivíduos de 8 e mais anos que trabalham menos de 12 meses ou seja menos de 260 horas antes da data do recenseamento e que declaram não ter ocupação nenhuma.

Profissão Principal É a modalidade de trabalho em que o indivíduo ocupou a maior parte do tempo em que trabalhou nos últimos 12 meses.

1.3-CONTEXTO

A actual situação das mulheres na Guiné-Bissau é o resultado duma longa história de organização social pré-colonial, da colonização e da luta de libertação nacional. Resultado igualmente dum longo processo de lutas sociais ao lado de outras mulheres africanas, para a melhoria das condições de vida e da mudança do seu estatuto.

A história do período pré-colonial é geralmente uma descrição e análise de reinos africanos, cuja organização política repousava numa base social guerreira, aristocrática e escravagista. Nos fins do século XVI, deu-se o desmoronamento desses reinos.

Nesta história guerreira, as mulheres nem sempre desempenharam um papel fundamental. Essas organizações estatais baseavam-se na exploração de outras organizações sócio-políticas que na Guiné-Bissau são apelidadas de "morança". Essas unidades familiares de exploração, resistiram até aos nossos dias apesar do desmoronamento dos reinos. Toda a organização dessas células de exploração familiar gira à volta das mulheres. Essas personagens centrais devem o seu estatuto à sua função de produtoras e reprodutoras.

A organização sócio-política da "morança" é baseada na economia doméstica, cujo principal objectivo é a reprodução social. As mulheres são as principais agentes sociais desta economia doméstica, na medida em que asseguram o essencial da força de trabalho agrícola, e também porque reproduzem essa força

social (Estudo OP. CIT). Nos sistemas de produção, pode-se dizer que as culturas alimentares estão a cargo das mulheres e as comerciais a cargo dos homens. Contudo, há já algumas mudanças neste sistema. De há uns anos para cá, as mulheres aumentaram imenso a sua produção hortícola para venda no mercado. Uma das características comuns a estes sistemas de produção, é que a mulher não tem direito a propriedade directa da terra. Ela acede à terra por intermédio do marido. Esta prática entra na lógica do controle social exercido pelos anciões sobre a mulher.

No período colonial o aparelho administrativo conduziu o desenvolvimento das culturas comerciais viradas para a exportação. Na Guiné-Bissau, essas culturas eram sobretudo a mancarra e a palmeira de óleo de palma. Essas culturas de exploração desenvolveram-se em detrimento das culturas alimentares e ficaram sob o controle dos homens. A mulher, relegada às culturas alimentares, viu o seu poder económico reduzir-se à medida que as culturas comerciais controladas pelos homens ganhavam valor. A riqueza monetária resultante da operação das culturas comerciais é controlada pelos homens. A tradicional desigualdade entre o homem e a mulher vê-se assim reforçada pela circulação do dinheiro conforme o circuito das culturas de exportação.

O homem, desenvolvendo as culturas de exportação, começa a controlar a terra e a impôr restrições ao seu acesso pelas mulheres. Estando esse acesso já intermediado pelos maridos, o casamento vê-se assim reforçado como meio de acesso aos recursos económicos e duplica a sujeição da mulher por laços de dependência económica mais fortes. A produção da mulher serve não somente para a alimentação da família mas também para a educação e vestuário das crianças.

Relativamente ao emprego, as mulheres ocupam sempre um lugar subalterno. Elas ocupam-se sobretudo das tarefas domésticas. Ao lado desta massa de mulheres confinadas às tarefas subalternas, uma minoria de mulheres exerceram contudo profissões técnicas. Elas concentram-se sobretudo nas profissões de enfermeiras, parteiras e professoras. Estas mulheres que constituem já uma excepção, são o produto da educação formal introduzida pela colonização.

Na luta de libertação nacional, o P.A.I.G.C., estando motivado não somente por razões objectivas, inerentes às realidades sociais do país e às necessidades de estratégia da guerra, mas igualmente por princípios ideológicos de afirmação da justiça social e da discriminação sexual, visou a integração das mulheres no movimento de libertação e na edificação da nação guineense.

Esta integração concretiza-se pela participação das mulheres em todas as frentes de luta e em todos os sectores de gestão das zonas libertadas.

Foram postas em prática estratégias de desigualdade em favor das mulheres, com o objectivo de iniciar um processo de igualdade de oportunidades para os indivíduos, sem discriminação sexual.

A mulher pôde assim assumir altas funções políticas, militares e administrativas, aceder as diversas profissões e assim tomar parte activa na guerra que permite libertar o país.

TENDÊNCIAS DURÁVEIS E MUTAÇÕES

A nível da sociedade tradicional, apesar do processo de desagregação das sociedades rurais, a mulher continua dominada em relação ao seu marido e em relação aos seus anciãos. Ela não tem direito a escolher o seu marido e o acesso à terra só pode ser feito através deste.

Persiste a divisão sexual do trabalho que deixa todo o peso da economia doméstica à mulher, enquanto que as culturas de exportação e, em consequência, a aquisição do dinheiro são direitos dos homens.

Na sociedade moderna são múltiplos os factores que operam contra as mulheres. Uma inferiorização do seu papel nos serviços públicos, uma deficiente formação profissional e uma limitada oferta de emprego, limitam às mulheres, as possibilidades de ganhar uma autonomia económica, o acesso à distribuição dos créditos bancários e afastam maioria das mulheres dos principais circuitos de distribuição de riquezas.

Apesar de todas estas tendências negativas surgiram alguns factores de mudança. As mulheres começaram em número crescente a exercer profissões nos centros urbanos fora do lar e dispõem dos seus próprios rendimentos. Um crescente número de mulheres frequentam as escolas e investem em formação profissional. Algumas inovações técnicas tais como máquinas descascadoras, prensas de óleo, permitiram às mulheres rurais racionalizar melhor o seu tempo e a consagrar-se a outras actividades de formação e cultura.

De há uns tempos para cá assiste-se à emergência duma sociedade civil fortemente influenciada pelo movimento associativo das mulheres. Estas associações e agrupamentos apoiados pelas O.N.G.S. dão uma nova dimensão às mulheres e abrem novas perspectivas.

A SITUAÇÃO ACTUAL

Constata-se que o acesso à independência, com o pesado fardo que implicava a criação de um Estado, e o regresso à normalidade, provocaram uma erosão dos ganhos da luta de libertação nacional a favor da mulher, mais no conteúdo do que na forma. Assim, hoje em dia, o número de mulheres com assento nas diferentes esferas do poder e nos diversos níveis da administração não reflecte o seu papel durante a luta de libertação nacional. Ao contrário, a sua taxa de escolarização e de alfabetização encontram-se em baixa constante e o seu estado geral de saúde é preocupante. E podemos observar uma persistência, e mesmo recrudescência de

certas práticas tradicionais, que quando não são nefastas, são pelo menos desfavoráveis, tais como o casamento precoce e forçado ou a excisão.

O IMPACTO NEGATIVO DO PROGRAMA DE AJUSTAMENTO ESTRUTURAL

A crise económica que flagela o continente há longos anos, assim como as medidas adoptadas para a ultrapassar, agravaram as condições de vida e de trabalho das mulheres. A isso se juntaram novos elementos que provocaram, nomeadamente nas zonas urbanas, fenómenos de degradação sócio-económica até aqui pouco conhecidos.

A POLITICA OFICIAL

A lei magna que é a Constituição da República, contém princípios de afirmação da igualdade de direitos. As disposições do artigos 23 e 24 da constituição, consagram o direito da mulher de participar tanto na vida política como económica do país, assumindo a sua responsabilidade de cidadã capaz, independentemente da sua raça e da sua classe social.

Toda a mulher maior de 18 anos pode ser eleitora. Aos 21 anos, torna-se elegível para os órgãos de soberania da nação (artigo 47. (Política e Estratégias de Integração da Mulher no desenvolvimento; Janeiro de 1994; Pag. 9, 12, 13, 15, 17, 23, 25; M.A.S.P.F.))

II O PESO NUMÉRICO DA MULHER: EFEITOS DA MIGRAÇÃO

A população feminina tem um peso dominante na população total da Guiné-Bissau. Ela é maioritária e desempenha um papel muito importante no desenvolvimento sócio-económico do país. Por isso, a problemática da mulher deve ser seriamente encarada.

A Guiné-Bissau tinha um total de 767.739 habitantes em 1979 e 979.203 em 1991. Em conformidade ainda com os dados do censo dos anos acima referidos, havia, em 1979, 397.514 mulheres, ou seja 51,8% da população e 506.643 mulheres em 1991, correspondentes a 51,7% da população total do país. Estes dados confirmam que as mulheres constituem a maioria da população da Guiné-Bissau.

Uma outra constatação é o peso da mulher nas idades compreendidas entre 0 (zero) e 9 anos, pois conforme vão aumentando as idades, assim diminui a percentagem da população feminina (quadro nº1).

Quadro 1- Estrutura da população feminina residente por grupo etário

Grupo Etário	Porcentagem
0-4	8,4
5-9	8,6
10-14	5,9
15-19	4,9
20-24	4,0
25-29	4,2
30-34	3,3
35-39	2,6
40-44	2,1
45-49	1,6
50-54	1,5
55-59	0,8

Este processo não é verificado somente na estrutura da população feminina, mas também na masculina.

2.1 O PESO NUMÉRICO DA MULHER POR GRUPO ETÁRIO E MEIO DE RESIDÊNCIA

Relativamente à taxa de feminidade assiste-se a uma disparidade tanto a nível das regiões e locais de residência como em relação aos grupos etários. A taxa de feminidade total do país é de 107,2. Apesar da natalidade masculina ser superior a feminina, devido a um processo biológico, o peso feminino acaba por se impor a partir dos 15 anos de idade. Por esta razão, a taxa de feminidade nos grupos etários de 0 (zero) a 14 anos está abaixo de 100 (quadro 2).

Quadro 2-Taxa de feminidade por Grupo etário

Grupo Etário	Taxa de Feminidade
0-4	98,4
5-9	97,3
10-14	93,5

Não obstante, conclui-se que as mulheres nas idades mais pequenas têm tendência a declarar idades superiores às que realmente têm para se fazerem de mais adultas; pelo contrário, as adultas, principalmente depois dos 40 anos, tendem a declarar idades mais baixas, com a pretensão de serem consideradas jovens, ou por medo da velhice ou ainda, por vezes pelo desconhecimento da própria idade.

Esta é a razão da baixa taxa de feminidade nas meninas de 10 a 14 anos e o seu substancial aumento entre os 15 e 19 anos, seguido de uma forte diminuição depois dos 40 anos.

Entre 20 e 40 anos, a taxa de feminidade é mais elevada ultra passando de longe a média nacional, devido à emigração, pois que este fenómeno é característica dominante da população masculina (quadro 3).

Quadro 3-Taxa de feminidade por grupo etário

Grupo Etário	Taxa de Feminidade
10-14	93,5
15-19	108,5
20-24	127,9
25-29	134,0
30-34	135,8
35-39	121,0
40-44	120,7
65-69	86,4
70-74	94,2
75-79	77,9
80-84	97,5
85-89	80,5
90-94	93,1

2.2- OS EFEITOS DA MIGRAÇÃO NA POPULAÇÃO FEMININA DO MEIO URBANO

O meio urbano, sendo uma zona de concentração de serviços sócio-administrativos, é afectado por fortes influências imigratórias. Há um grande fluxo de pessoas do campo para as cidades à procura do emprego ou para continuar os estudos. A taxa de feminidade total dos centros urbanos é de 103,8.

A imigração precoce é um fenómeno dominante do meio urbano, porque as meninas dos 10 aos 14 anos das zonas rurais emigram para os centros urbanos à procura de emprego (emprego domésticas). Nesta ordem de ideia, a taxa de feminidade nestes grupos etários no meio urbano é alta.

Dos 15 aos 34 anos a elevada taxa de feminidade é explicada pela emigração essencialmente da população masculina para o exterior à procura de melhores condições de vida ou para concluir os estudos. Revela-se também uma baixa taxa de feminidade em idades compreendidas entre 34 e 59 anos, justificada pela imigração da população masculina das zonas rurais para os centros urbanos. Os homens vindos das zonas rurais conseguem cobrir o número de mulheres existentes nas cidades (quadro 4).

Quadro 4-Taxa de feminidade por grupo etário no meio urbano

Grupo Etário	Taxa de Feminidade
Total	103,8
10-14	104,3
15-19	105,0
20-24	111,5
25-29	111,0
30-34	106,9
35-39	97,3
40-44	88,9
45-49	86,9
50-54	99,6
55-59	98,4

2.3 OS EFEITOS DA MIGRAÇÃO NA POPULAÇÃO FEMININA DO MEIO RURAL

O meio rural, contrariamente ao meio urbano, por ser uma zona socio-económica desfavorecida, conhece fortes tendências emigratórias.

As taxas de feminidade nestas zonas são normalmente altas devido à emigração da população masculina para grandes cidades à procura de emprego e de melhores condições económicas e sociais. No entanto, devido à emigração precoce das crianças do sexo feminino, a taxa de feminidade nas faixa etárias de 9 a 14 anos é baixa. É importante esclarecer também a situação constatada nos grupos etários dos 65 a 99 anos, que pode ser uma falsa declaração no momento do recenseamento, dado que a maior parte das mulheres do mundo rural não conhecem as suas idades reais (quadro 5).

Quadro 5-Taxa de feminidade por grupo etário no meio rural

Grupo Etário	Taxa de Feminidade
65-69	80,7
70-74	88,3
75-79	73,4
80-84	91,5
85-89	75,6
90-94	86,8
95-99	75,1

2.4 OS EFEITOS DA MIGRAÇÃO NAS REGIÕES

A migração manifesta características diferentes de região para região. Com os dados deste quadro tentamos agrupar as regiões em três grupos diferentes. A região de Bissau faz parte do primeiro grupo com uma taxa de feminidade mínima de 102,

uma média abaixo da média nacional (107,4). O justificativo desta situação é a migração da população masculina rural para Bissau. Do segundo grupo fazem parte as regiões de Bafatá, Gabú, Oio e Tombali. Elas têm uma taxa de feminidade média. As regiões de Cacheu, Biombo e Quinará, são mais afectadas pela emigração dos seus habitantes e são as que têm a taxa de feminidade máxima de 114,1 ; 114,4 e 116,3. Em particular, a região de Cacheu, com uma tradição migratória, é afectada pela migração internacional (quadro 6).

Quadro 6-Taxa de feminidade por região

Região	Feminidade
Total	107,4
Bissau	102,0
Bafata	106,1
Gabú	107,2
Oio	110,8
Bolama	108,2
Tombali	112,2
Biombo	114,1
Quinara	114,4
Cacheu	116,3

III A ESCOLARIZAÇÃO DA POPULAÇÃO FEMININA

A educação na Guiné-Bissau, apesar de se encontrar numa situação crítica, evoluiu ao longo destes anos. No período colonial, havia uma insignificante percentagem de indivíduos com nível elementar de instrução. Em 1952, só 1.153 indígenas sabiam ler e escrever o português, dentre os quais em primeiro lugar estavam os papeis (462), seguidos dos manjacos (159), dos mandingas (118), dos beafadas (83) e dos balantas (59)1.

Segundo o recenseamento de 1979, apenas um guineense em cada cinco frequêntava ou tinha frequentado o ensino oficial e/ou marabú. A instrução pública era um fenómeno recente no país, sobretudo nas regiões. Os indivíduos instruídos ou em vias de o serem são, na sua maioria, do sexo masculino e dos centros urbanos.

No interior, 43% dos jovens entre 7 e 16 anos frequentavam a escola. No Sector Autónomo de Bissau a frequência escolar abrangia 50% das crianças escolarizáveis. Em qualquer destas situações constata-se uma sub-representatividade das raparigas na escola.

Em 1991, a população de 7 a 20 e mais anos eram de 401.592 habitantes, entre os quais 81.067 indivíduos estavam no ensino básico elementar o que corresponde a 20,1% da população da idade acima mencionada.

Tendo em vista as classes, a escolarização apresenta uma forma decrescente na sua evolução, pois conforme se sobe na hierarquia escolar, assim diminui o número de efectivos nas referidas classes. Nesta ordem de ideia, o ensino secundário somente tem 10.085 efectivos correspondente a 2,5%, seguido do ensino superior com 75 efectivos equivalente a 0,0%.

O número de indivíduos que frequentavam o ensino oficial em 1991 era de 91.227 pessoas, o que representa 22,7% da população com idades compreendidas entre 7 a 20 anos e mais.

Os dados deste quadro demonstram também o baixo nível escolar da população guineense, dado que o grupo etário dos 7 - 12 anos tem o maior número de efectivos. É do nosso conhecimento que, nesta faixa etária, o nível predominante é primário, com um total de 53.700 efectivos, correspondente a mais de metade da frequência total do país em 1991. Além disso o número de efectivos no ensino secundário e superior confirmam esta afirmação (10.055 no secundário e 75 no superior). Consultar o Quadro N.º 7.

Quadro 7-A escolarização segundo os grupos etários do País

GRUPO ETÁRIO	POPULAÇÃO TOTAL	BAS/COMP	SECUND.	SUPERIOR	TOTAL DO EFECTIVO
Total	401592	81067	10085	75	91227
7-12	173921	53700	265	5	53.970
13-15	64625	21524	2008	7	23.539
16-19	68821	5815	5250	19	11.084
20 e +	94.225	28	2562	44	2.634

Relativamente à população feminina de 7-20 e mais anos, estimada em 206.264 habitantes, 32.471 estão no ensino básico complementar; 3.820 no ensino secundário e 20 no ensino superior, fazendo um total de 36.317 mulheres que frequentavam o ensino oficial em 1991.

Contudo, o quadro demonstra maior aderência ao ensino básico/complementar do que aos níveis mais avançados. Em relação às mulheres é ainda pior. Só 17,6% de mulheres em idades compreendidas entre 7 e 20 e mais anos frequentavam o ensino oficial.

Comparado com a população total do país nas idades acima referidas, a percentagem da frequência feminina era de 9%, representando, assim, menos de metade da frequência total. Tudo isso demonstra a fraca aderência das mulheres à escola. Esta situação pode ser justificada pela diferença de privilégios entre homem e mulher em relação aos factores que condicionam a escolarização. Normalmente, nas sociedades tradicionais, as meninas são preparadas para cuidarem do lar e educarem os filhos.

enquanto que os meninos têm mais possibilidades de estudar. Assim sendo, verifica-se que a frequência escolar masculina é superior à feminina. Com efeito, 54.910 alunos (28,1%) são do sexo masculino, enquanto que as alunas representam apenas 17,6% apesar da população feminina ser mais numerosa que a masculina (quatro N°8).

Quadro 8 - Escolarização segundo o sexo

Total do País

SEXO	POP. TOTAL 7-20 e + Anos	TOTAL DE EFECTIVOS ESCOLAR
MASCULINO	195.328	54.910
FEMININO	206.264	36.317

3.1-A ESCOLARIZAÇÃO FEMININA NO MEIO URBANO

No meio urbano, o total da população com idade de 7 a 20 e + anos era de 143.848 habitantes. Frequentavam o ensino básico 53.177 alunos, o ensino secundário, 9.149 alunos e o superior, 655, fazendo um total de 62.981 efectivos em 1991 que frequentavam a escola oficial no meio urbano.

Como já tínhamos referido, a escolarização apresenta disparidade tanto a nível dos grupos etários como também da instrução.

O grupo etário com maior número de efectivos é o dos 7 - 12 anos. A mesma situação se verifica em relação aos níveis de instrução. Verifica-se maior aderência ao ensino básico elementar e complementar do que ao ensino secundário e superior, mesmo no meio urbano. Os grupos etários de 16-20 e + anos têm mais efectivos no ensino secundário e superior (7.175) alunos, o que equivale a menos de um quarto da frequência dos alunos de 7 a 12 anos do ensino básico e complementar (34.434) alunos (consultar o quadro seguinte).

Quadro 9-Taxa de escolarização segundo o grupo etário e meio de residência.

Meio Urbano

Grupo etário (anos)	Classe						Total	
	Bas/Com		Secund.		Superior		Efect	Taxa
	Efect	Taxa	Efect	Taxa	Efect	Taxa		
Total	53177	37	9149	8	65	0	62391	43
7-12	34434	61	210	0	2	0	34646	61
13-15	14203	59	1820	8	7	0	16030	67
16-19	4528	16	4836	18	15	0	9379	34
20 e +	12	0	2283	5	41	0	2336	7

No que respeita as mulheres, no meio urbano o número de efectivos com idades acima referidas era de 74.234. Frequentavam o ensino básico elementar e complementar um total de 24.241 alunos, o ensino secundário, 3.645 e o superior, 16 alunos. Estes números demonstram que mesmo no meio urbano a população feminina é a menos escolarizada, dado que nem metade dos seus efectivos nas referidas idades frequentava o ensino oficial (quadro N°10).

Quadro 10-Escolarização segundo o grupo etário, sexo e meio de residência

Sexo	De 7 - 20 e + Anos	
	População Total	Total do Alunos
Masculino	69614	34489
Feminino	74234	27902

A percentagem da frequência escolar das mulheres é relevante, essencialmente a nível do primário. No meio urbano as mulheres representam 86,8% da frequência feminina do ensino primário, fazendo assim um total de 27% da frequência total do país. Estes dados levam-nos a concluir que no meio urbano às crianças são dadas as mesmas oportunidades de frequentarem a escola, independentemente do seu sexo, dado que, a mentalidade dos pais no meio urbano em relação aos filhos é diferente da do meio rural. Além disso, a frequência escolar feminina é dominante essencialmente nas crianças de 7 a 12 anos (57,2%). É nesta faixa etária que as meninas podem estudar sem grandes barreiras sociais e culturais que lhes impedem de continuar os seus estudos. Neste âmbito, a frequência escolar feminina depois dos 15 anos de idade é bastante fraca. É também de salientar que a frequência escolar feminina no meio urbano é superior à frequência escolar masculina do meio rural e é quase igual à frequência total do mundo rural

quadro N°11).

Quadro 11-Frequência escolar segundo sexo e meio de residência

Sexo	Urbano (efect)	Rural (efect)
Masculino	34489	20421
Feminino	27902	8415
Total	62391	28836

A escolarização feminina, apesar de ser elevada no meio urbano é também afectada por vários fenómenos sociais e económicos tais como o casamento e a gravidez precoce e a crise económica financeira que o nosso país atravessa. É do nosso conhecimento que há mais desistências e reprovações femininas nas escolas. As meninas, ao ficarem grávidas ou ao se casarem, dificilmente continuam os estudos. Além disso, existe uma boa percentagem de raparigas que são obrigadas a entrar na prostituição para ajudar na subsistência da família. Também se vê nas ruas de Bissau muitas crianças do sexo feminino vendedeiras, que não vão portanto à escola. Todos estes fenómenos contribuem bastante para o alto nível de analfabetismo das mulheres.

3.2-A ESCOLARIZAÇÃO FEMININA NO MEIO RURAL

No meio rural, contrariamente ao meio urbano, só uma minoria de pessoas tiveram acesso à escola. A população rural de 7 a 20 anos mais anos, apesar de ser mais numerosa que a população urbana (257.744 habitantes), tem uma proporção de escolarizadas apenas 11%, enquanto que o meio urbano com uma população nessa faixa etária de 143.848 habitantes (menos de metade da população rural), apresenta uma percentagem de escolarização de 43%. Isso faz transparecer a falta de oportunidade escolar a que é votada a população rural.

No que diz respeito à escolarização da população feminina rural a situação é desastrosa. Se no meio urbano a percentagem de mulheres que frequentavam os diferentes níveis de ensino oficial em 1991 era de 44,7%, no meio rural era somente de 29,1%, isto é, quase metade da frequência feminina no meio urbano. Com esta situação, chegamos à conclusão de que o analfabetismo é um fenómeno dominante no mundo rural, principalmente no seio da população feminina. Outra situação relevante da escolarização feminina é a disparidade relativamente à idade e às classes.

No mundo rural, depois dos 15 anos de idade, a escolarização das mulheres é ínfima. (ver o quadro N°12).

Quadro 12-A Taxa de escolarização segundo o grupo etário, sexo e meio de residência Meio rural

Grupo Etário									
7-12		13-15		16-19		20 e +Anos		Total	
Efe.	Taxa	Efe.	Taxa	Efe.	taxa	Efe	Taxa	Efe.	Taxa
6087	11	1918	9	348	0	62	0	8415	6

Talvez seja porque a desigualdade de oportunidade escolar ENTRE MENINAS E rapazes é ainda mais forte no campo. Além disso, as mulheres, de uma maneira geral, não beneficiaram do voluntarismo do pós-independência. Podemos também dizer que 98% das mulheres do meio rural frequentavam somente o ensino primário e só 2% delas continuavam o ensino secundário. Com estes dados chegamos a uma desagradável conclusão: 98% de mulheres do mundo rural em idade escolar têm somente o nível primário.

Ao se comparar a taxa de escolarização feminina com a masculina no meio rural, nota-se uma diferença enorme. Contudo, o nível primário seja praticamente comum para ambos os sexos, a saber 17% entre a população masculina e 6% no seio das mulheres. Depois duma análise pormenorizada da escolarização nas zonas urbanas e rurais, constatamos que os centros urbanos, sendo detentores da maior parte dos estabelecimentos e estruturas do ensino, apresentam uma percentagem de escolarização superior. Neste âmbito, entre a população escolarizada do país, em 1991, 68% pertenciam ao meio urbano e só 32% ao meio rural.

3.3 A ESCOLARIZAÇÃO FEMININA NAS REGIÕES

As assimetrias da escolarização não somente se fazem sentir a nível dos grupos etários e sexo, mas também nas diferentes regiões do país. Assim, as regiões com maior número de efectivos são as de Bissau (40.260) e Cacheu (13.046 alunos). As restantes regiões, todas juntas, não conseguem atingir o número total de efectivos da região de Bissau (37.921 alunos). O nível primário é preponderante tanto na capital como nas outras regiões.

A frequência escolar da região de Bissau, em 1991, abarcava 10% de toda a população de 7 a 25 anos e representava 44% da frequência total do país, o que se explica pela concentração dos estabelecimentos e estruturas de ensino em Bissau. Além disso a concentração de actividades não agrícolas na capital implica uma exigência maior em termos de nível de formação.

Por isso se verifica um fluxo da população do campo para a capital com o objectivo de continuar os estudos. Além disso a emigração de muitas famílias do campo para a capital à procura de emprego, influencia grandemente a taxa de escolarização nas

regiões.

Logo a seguir às regiões de Bissau e de Cacheu as regiões Bafatá e Oio são as que apresentam taxas de escolarização mais elevadas em relação às restantes regiões. No que diz respeito à região de Bolama, o seu baixo número de efectivos deve-se à forte emigração da sua população para a capital (ver quadro 13).

Quadro 13-Escolarização segundo as regiões

Regiões									
Efe	SAB	BAF	GAB	BIO	CAC	OIO	BOL	QUI	TOM
	40260	8077	6127	3957	13045	8772	3560	2918	4510

A situação escolar da mulher guineense varia consoante o local de residência. Em Bissau, a escolarização feminina é muito alta chegando a atingir 47% da escolarização total da capital. Verifica-se também que na região de Bissau, até ao ensino secundário, as mulheres estão tão bem representadas no sistema do ensino quanto os homens. Com efeito, a este nível, 53% dos efectivos são rapazes e 46% são meninas. Já nos níveis mais avançados a situação é diferente. Apenas 12% das mulheres frequentavam o ensino superior em 1991, o que corresponde a 12% dos efectivos a esse nível.

A alta taxa de escolarização das mulheres verificada na capital deve-se à oportunidade dada às crianças do sexo feminino de irem à escola, o que não acontece noutras regiões onde poucos pais encarregados de educação dão oportunidade às meninas para estudarem.

3.4 - A ESCOLARIZAÇÃO FEMININA E A RELIGIÃO

A escolarização feminina é muito influenciada pela religião pois nas regiões onde as etnias predominantes são muçulmanas e animistas a percentagem de mulheres escolarizadas é mais baixa (ver o quadro 14).

Quadro 14-Escolarização de mulheres por região segundo a religião

Região	Feminina
Bafatá	9%
Gabú	8%
Biombo	10%
Cacheu	15%
Bolama	26%
Oio	9%
Quinara	11%
Tombali	10%

Com excepção das regiões de Bissau, Bafatá, e Bolama, todas as regiões apresentam efectivos femininos de nível primário superiores aos de nível secundário, nas faixas etárias de 16 a

anos, o que confirma a demora da entrada das meninas na escola. Nestas idades as mulheres têm pouco aproveitamento, principalmente nas zonas rurais, por isso a probabilidade de progresso é muito limitado (ver quadro N°15).

Quadro 15-A Escolarização feminina segundo o grupo etário, região e nível de instrução

Grupo Etário	Região	Basico/Comp	Secundário
De	<u>SAB</u>	1.419	2.457
	<u>Bafatá</u>	127	159
16	Gabú	112	69
	Biombo	58	23
a	Cacheu	239	131
	Oio	102	66
25 Anos	<u>Bolama</u>	83	91
	Quinara	38	16
	Tombali	65	18

IV - 82% DE MULHERES SÃO ANALFABETAS

O analfabetismo é um fenómeno educativo dominante na Guiné-Bissau. Apesar de uma sensível redução na taxa de analfabetismo total do país, ela continua a ser superior à média da África ao sul do Sahara (52.7%). Em 1991, a taxa de analfabetismo na Guiné-Bissau era de 71%, ao passo que em 1979 era de 74,5%.

4.1 - O ANALFABETISMO FEMININO POR IDADE E SEXO

Geralmente o analfabetismo atinge, em grandes proporções, todas as idades e ambos os sexos, sendo o sexo feminino o mais afectado. Mas a percentagem de analfabetos cresce progressivamente em função da idade. 71% de meninas com idades compreendidas entre 15 e 19 anos são analfabetas; quer dizer 7 meninas em cada 10 não sabiam ler nem escrever. Nas gerações dos 40-44 anos, esta proporção passa para 95% e na faixa dos quinquenários, para 97%. Por outras palavras, cerca de 9 em cada 10 mulheres eram analfabetas. Esta situação confirma a evolução do analfabetismo em função da idade e também evidencia-o como uma herança do passado, dado que ela é mais importante a partir dos 40 anos (gerações passadas do período colonial). Consultar o quadro seguinte.

Quadro 16-Taxa de analfabetismo segundo o grupo etário

Grupo Etário	Taxa Feminino
15-19	71
20-24	76
25-29	82
30-34	88
35-39	91
40-44	95
45-49	96
50-54	97
55-59	97

Concernente ao sexo, o analfabetismo feminino ultrapassa de longe o masculino (82% contra 59%), e é o reflexo da desigualdade de oportunidades escolares entre os dois sexos. O analfabetismo feminino nas adolescentes de 15 a 19 anos só é comparável ao dos homens da geração dos 45 a 49 anos. Isso demonstra que as mulheres, desde a época colonial até à data presente, não beneficiaram do privilégio escolar, apesar de vários programas de alfabetização desenvolvidos nos últimos 20 anos (quadro 17)

Quadro 17-Taxa de analfabetismo segundo o sexo

Grupo Etário	sexo	
	Masculino	Feminino
15-19	45	71
20-24	44	76
25-29	44	82
30-34	49	88
35-39	55	91
40-44	65	95
45-49	72	96

Verifica-se também que taxa de analfabetismo das crianças de 7 a 9 anos é superior à das crianças de 10 a 14 anos (74% e 58% respectivamente). Este fenómeno explica-se pela atitude de muitos pais e encarregados de educação de não enviarem seus filhos para a escola.

4.2 O ANALFABETISMO FEMININO CONSOANTE O MEIO DE RESIDÊNCIA

As assimetrias apresentadas pelo analfabetismo não dizem respeito somente a grupos etários e ao sexo, mas também ao meio de residência. O analfabetismo não é um fenómeno dominante nos meios urbanos, dado que a maioria de seus habitantes teve e continua a ter acesso a alguns estabelecimentos de ensino. Em contrapartida, no mundo rural, a maioria dos habitantes não teve acesso à escola mesmo depois da independência.

Em média, 58% de mulheres dos centros urbanos não sabem ler nem escrever ao passo que no mundo rural 93% de mulheres são

analfabetas. A proporção de mulheres analfabetas dos centros urbanos de idades compreendidas entre 40 e 65 anos só é comparável à proporção das gerações mais jovens do mundo rural. O analfabetismo feminino do mundo rural é tão elevado que chega a atingir 100% nas mulheres dos 60 a 64 anos. Perante estes dados chegamos à conclusão de que o analfabetismo feminino é incomparável ao analfabetismo masculino. Podemos também afirmar que o analfabetismo é um fenómeno dominante no meio rural, pois 75% de analfabetos entre os homens e 93% entre as mulheres, ou seja uma média de 84% de pessoas no mundo rural não sabem ler nem escrever (quadro 18).

Quadro 18-Taxa de analfabetismo segundo o meio de residência

Grupo Etário	Total do País		Meio Urbano		Meio Rural	
	M	F	M	F	M	F
Total	59	82	28	58	75	93
7 - 9 anos	70	78	41	51	82	90
10 - 14 anos	50	66	19	36	66	84
15 - 19 anos	45	71	18	42	62	89
20 - 24 anos	44	76	18	50	63	91
25 - 29 anos	44	82	19	60	63	94
30 - 34 anos	49	88	21	70	69	97
35 - 39 anos	55	91	26	76	75	98
40 - 44 anos	65	95	35	83	83	99
45 - 49 anos	72	96	43	87	87	99
50 - 54 anos	80	97	52	90	92	99
55 - 59 anos	83	97	58	89	92	99
60 - 64 anos	90	98	68	93	95	100

4.3 - O ANALFABETISMO FEMININO POR REGIÃO

Apesar da constatada progressão na taxa de analfabetismo, verifica-se uma situação particular em algumas regiões. É que nelas, a taxa de analfabetismo, em vez de melhorar piorou. Na região de Bissau, Bolama, Biombo e Quinara o analfabetismo diminuiu, ao passo que nas restantes regiões a proporção de analfabetos de 1991 é superior a de 1979.

A região de Bissau tem 51% de mulheres analfabetas enquanto que nas outras regiões a média ultrapassa a média nacional (71%), com excepção da região de Bolama com 70% de mulheres que não sabem ler e escrever. As regiões de Bafatá, Gabú e Oio são as que têm maior percentagem de mulheres analfabetas (90% a 92%). Provavelmente por influência religiosa (quadro 19).

Quadro 19-Taxa de analfabetismo por região

Região	Taxa de Analfabetismo		Total
	M	F	
Bissau	22	51	37
Bafatá	73	90	82
Gabú	78	92	85
Biombo	70	90	81
Cacheu	61	86	74
Oio	72	92	83
Bolama	51	70	61
Quínara	66	81	78
Tombali	64	89	77

4.4 - O ANALFABETISMO FEMININO POR ETNIA E RELIGIÃO

No período colonial havia uma proporção muito baixa de indivíduos com um nível elementar de instrução. Mesmo com a expansão escolar do pós-independência, as etnias não tiveram igual acesso à instrução. Os Balantas, Fulas e Mandingas tinham pouca representatividade na escola. Os grupos étnicos com maior número de efectivos escolares eram os Papeis e os Manjacos. Para A. Carreira, vários factores concorrem por explicar este resultado, entre os quais estes dois:

1. Profissional: estes grupos forneciam o grosso do contingente de remadores, marinheiros, estivadores e criados domésticos aos civilizados;
2. Cultural: o carácter difuso e variável das suas crenças facilita a intromissão e influencia alheia na orientação religiosa e cultural dos povos animistas, que não são monoteístas.

Contrariamente, os Fulas e Mandingas, possuidores de uma fé e cultura próprias, seculares, desenvolvidas e mantidas por meio das suas escolas e culturas próprias, mostraram-se mais afastados ao ingresso nas escolas coloniais. Estes povos resistiram à escolarização oficial, ou seja à escolha de uma cultura e de um corpo de credos diferentes dos deles, tanto mais que o ensino para indígenas estava confiado a missionários cristãos.

(A. Carreira; Boletim Cultural da Guiné; Volume VII; Outubro de 1952). Segundo os dados do quadro N°20, os Fulas, Mandingas e Balantas, são grupos étnicos com maior percentagem de analfabetos. Os grupos mistos e os sem etnia são os mais instruídos. Entre os mistos a média de analfabetismo nacional é de 8% entre os homens e 14% entre as mulheres; nos sem etnia a média é de 18% para os homens e 25% no seio das mulheres. Além destes grupos, temos ainda o grupo étnico dos Mancanhas que, em relação às restantes etnias é a mais instruída, possuindo uma média de 17% de analfabetos entre os homens e 41% entre as mulheres.

Em qualquer dos grupos étnicos, as mulheres são sempre as mais atingidas pelo analfabetismo. Não há nenhum caso em que a proporção de instruídos fosse equitativa para ambos os sexos.

No entanto, os dados deste quadro fazem transparecer que as mulheres mais instruídas recrutam-se nos grupos étnicos mistos (86%), seguido dos sem etnia, com 75% de mulheres instruídas. As menos instruídas pertencem, na sua maioria, ao grupo dos Fulas, Mandingas e Balantas (11%). A razão deste fenómeno social seria o rigor da tradição religiosa e cultural a que pertencem.

Quadro 20 - O analfabetismo por etnia

Etnia	Total do País	
	Masculino	Feminino
Balantas	61%	89%
Beafadas	52	80
Bijagos	53	72
Fula	72	89
Fulupe	55	86
Mancanha	17	41
Mandinga	67	89
Manjaco	52	77
Papel	52	74
Misto	8	14
Outras	50	77
Sem Etnias	18	25

Há mais mulheres analfabetas no seio dos muçulmanos e animistas do que nas outras religiões (88%). A religião católica é a que tem maior percentagem de mulheres instruídas, sendo somente 48% de mulheres que não sabem ler nem escrever.

Apesar de globalmente existir mais instruídos no seio da população masculina do que feminina, relativamente à religião a situação é outra, pois o analfabetismo masculino dos animistas e muçulmanos é superior ao analfabetismo feminino dos católicos 63% e 68%, respectivamente contra 48% dos católicos.

Mesmo nas cidades, a proporção de analfabetos católicos do sexo feminino (32%) é igual à proporção de homens analfabetos animistas (32%) e inferior à proporção de analfabetos muçulmanos do sexo masculino (38%).

No campo, a população feminina católica continua a ser mais instruída (20%) do que a população masculina muçulmana (18%) (consultar o quadro N°21).

Quadro 21 - O analfabetismo por religião

Religião	Total do País		Urbano		Rural	
	M	F	M	F	M	F
Animistas	63%	88%	32%	72%	73%	93%
Muçulmana	68	88	38	69	82	95
Católicos	26	48	12	32	51	80
Outros Religião	47	75	22	53	70	91
Sem Religião	47	78	17	53	65	90

V A MULHER E O ESTADO CIVIL

O estado civil na Guiné-Bissau é influenciada pela precocidade do casamento das mulheres. Há maior proporção de mulheres casadas com menos de 20 anos do que nas outras faixas etárias.

5.1 - 62 MULHERES POR 100 HOMENS SÃO SOLTEIRAS

Há mais homens solteiros do que mulheres. Entre as mulheres com menos de 49 anos a proporção de solteiras é inferior a 100. Se nas faixas etárias de 50 a 54 anos e 60 e mais anos é que a taxa de mulheres solteiras é alta, ultrapassando 100. Ela é de 107 mulheres por 100 homens nos grupos etários de 50 a 54 anos; 147 mulheres por 100 homens nos de 60 a 64 anos e 150 nos grupos etários de 65 e mais anos. Isto demonstra que a proporção de solteiras é mais elevada entre as mulheres idosas.

Quadro 22 - Taxa de feminidade segundo o grupo etário e estado civil.

Grupo Etário	Solteiro
Total	62
Menos de 20 anos	78
20-24 anos	33
25-29 anos	25
30-34 anos	40
35-39 anos	44
40-44 anos	63
45-49 anos	72
50-54 anos	108
55-59 anos	97
60-64 anos	146
65 e + anos	159

5.2 - A PRECOCIDADE DO CASAMENTO

O casamento é mais importante na população feminina. Globalmente, existem no país 155 mulheres por 100 homens casados. As mulheres com menos de 20 anos têm uma taxa de casamento de 2,304 e as de 20 a 24 anos, de 610.

A partir dos 25 anos a taxa começa a baixar apesar de continuar a ser superior a 100, nos grupos até aos 54 anos (quadro N. 23). Depois dos 55 anos, a situação é diferente, pois a taxa de casamento no seio das mulheres é inferior a dos homens, chegando a atingir 42% nas mulheres de 65 e mais anos. Com estes dados pode-se concluir o seguinte:

- As mulheres casam-se mais cedo que os homens. A razão da alta taxa de casamento entre as mulheres mais novas e a sua diminuição nas idades mais avançadas prende-se com o casamento tardio dos homens. A diferença etária entre os cônjuges é a explicação para o fenómeno (quadro n. 23).

Quadro 23 - Taxa de feminidade segundo o grupo etário e estado civil

Grupo Etário	Casada
Total	155
Menos de 20 anos	1804
20-24 anos	610
25-29 anos	256
30-34 anos	172
35-39 anos	132
40-44 anos	121
45-49 anos	98
50-54 anos	108
55-59 anos	82
60-64 anos	80
65 e + anos	42

5.3 A MULHER E A VIUEZ

A viuvez é uma característica do estado civil predominante população feminina. Existem 729 mulheres viúvas por cada homens viúvos. A taxa de viuvez é muito alta nas mulheres principalmente a partir dos 50 anos. Talvez seja porque a mortalidade masculina é superior à feminina. Além disso, a grande diferença de idade entre os cônjuges contribui para o aparecimento de grande percentagem de jovens viúvas.

Contrariamente ao casamento, a taxa de viuvez menor nas mulheres mais jovens. Ela aumenta em função da idade, apesar de existir algumas exceções nos grupos etários de 25 a 29 anos, 30 a 34 anos e 65 e mais anos (quadro N°24).

Quadro 24-Taxa de feminidade segundo o grupo etário e estado civil

Grupo Etário	Viúva
Total	729
Menos de 20 anos	376
20-24 anos	880
25-29 anos	503
30-34 anos	585
35-39 anos	687
40-44 anos	702
45-49 anos	688
50-54 anos	1069
55-59 anos	1074
60-64 anos	1060
65 e + anos	634

5.4 - A MULHER E O DIVORCIO

O divórcio, tal como a viuvez e o casamento, atinge proporções mais elevadas entre as mulheres. Segundo os dados do quadro número 25, por cada 184 mulheres divorciadas há 100 homens divorciadas.

A taxa de mulheres divorciadas é alta em todos os grupos etários. Nos grupos etários de menos de 20 anos ela atinge o seu ponto máximo (1.613), o que significa que, por cada 100 homens divorciados dessa faixa etária, havemos de encontrar 1.613 mulheres divorciadas da mesma faixa etária. Em seguida temos os grupos etários de 20 a 24 anos com uma taxa de 798 mulheres divorciadas por 100 homens divorciados. Depois destes grupos etários, a taxa vai-se diminuindo progressivamente, salvo algumas exceções. Neste caso, as taxas apresentam uma forma decrescente, dado que é mais alta nas idades menores e baixa nos grupos etários mais avançados (quadro N°25).

Quadro 25-Taxa de feminidade segundo o grupo etário e estado civil

Grupo Etário	Divorciada
Total	184
Menos de 20 Anos	1613
20-24 anos	798
25-29 anos	383
30-34 anos	189
35-39 anos	150
40-44 anos	139
45-49 anos	119
50-54 anos	139
55-59 anos	138
60-64 anos	142
65 e + anos	147

Esta situação pode ser explicada pelo adultério que se verifica principalmente por parte dos homens, coisa que é muito frequente neste momento no país. Além disso, depois do divórcio, as mulheres têm poucas probabilidades de se casarem de novo, o que não acontece com os homens, dado que a população feminina é mais numerosa. Além disso, os homens, sendo controladores das riquezas monetárias, não têm dificuldades para encontrar parceiras, dado que a maioria esmagadora das mulheres depende economicamente dos homens.

5.5 - A MULHER E O ESTADO CIVIL NO MEIO URBANO E RURAL

A taxa de feminidade segundo o estado civil apresenta grandes assimetrias não somente em relação aos grupos etários e sexo, mas também por local de residência. Assim, no meio urbano, a proporção de mulheres solteiras, viúvas e divorciadas é superior

a do meio rural e, em contrapartida, o meio rural apresenta uma taxa de casamento superior a dos centros urbanos.

Apesar de o número de mulheres solteiras ser inferior ao dos homens, na cidade, a partir dos 49 anos, a taxa feminina supera a masculina. No campo este fenómeno verifica-se só a partir dos 60 anos (consultar o quadro N°26).

O casamento precoce feminino é mais acentuado na cidade do que no campo. A razão disso é que no campo os homens também se casam muito jovens, por isso a taxa de mulheres casadas com menos de 20 anos no campo é quase a metade da do meio urbano, a saber, 2.311 mulheres casadas para 100 homens com menos de 20 anos na cidade contra 1.674 mulheres para 100 homens no campo.

Na cidade a viuvez atinge a sua máxima expressão a partir dos 50 anos de idade, contrariamente ao meio rural, onde a taxa máxima se verifica já nos grupos etários de 20 a 24 anos e de 50 até 54 anos (quadro N°26).

No campo, devido ao casamento obrigatório das mulheres, a diferença etária entre os cônjuges é maior, o que contribui bastante para a viuvez das mulheres, dado que a esperança de vida masculina é inferior à feminina.

Relativamente ao divórcio, é mais elevado no meio urbano, com uma taxa de 2.250 mulheres divorciadas por 100 homens, nos grupos etários com menos de 20 anos, e de 1.259 mulheres por 100 homens nas faixas etárias de 25 a 29 anos.

Quadro 26 - Taxa de feminidade segundo o grupo etário, meio de residência e estado civil.

Meio Urbano

Grupo Etário	Solteira	Casada	Viúvas	Divorciada
Total	66	142	904	240
Menos de 20 anos	87	2311	525	2250
20-24 anos	39	709	592	1259
25-29 anos	28	230	759	420
30-34 anos	39	134	932	245
35-39 anos	49	101	885	198
40-44 anos	59	83	774	171
45-49 anos	81	72	893	154
50-54 anos	127	71	1096	157
55-59 anos	118	63	1334	170
60-64 anos	178	63	1258	193
65 e + anos	188	45	776	136
Meio Rural				
Total	60	160	673	146
Menos de 20 anos	73	1674	355	1189
20-24 anos	28	571	1072	462
25-29 anos	23	271	416	331
30-34 anos	40	199	416	131
35-39 anos	40	152	581	98
40-44 anos	66	142	660	106
45-49 anos	66	111	590	88
50-54 anos	98	122	1055	127
55-59 anos	87	88	961	118
60-64 anos	136	84	995	125
65 e + anos	150	41	600	150

5.6 - A MULHER E O ESTADO CIVIL NAS REGIÕES

Em todas as regiões do país a taxa de mulheres solteiras é inferior a dos homens. No que se refere ao casamento, viuvez e divórcio, as taxas femininas são sempre superiores a 100, com excepção da região de Bolama que apresenta uma taxa de 92 no meio rural. A região com maior número de mulheres casadas é a região de Tombali (166), seguida da região de Cacheu com 165 mulheres casadas para 100 homens casados.

A viuvez é um fenómeno dominante nas mulheres da região de Biombo, (1.154) talvez porque é a região onde a diferença de idade entre os cônjuges é mais acentuada. Também podemos afirmar que a região de Bissau detém o maior número de mulheres divorciadas (243 mulheres divorciadas por 100 homens divorciados). Outra constatação relevante nas regiões é a maioria de mulheres casadas nas zonas rurais e de mulheres viúvas e divorciadas nos centros urbanos.

Quadro: 27 - Taxa de feminidade, segundo meio de residência, região e estado civil.

REGIÃO	TOTAL	SOLTEIRA	CASADA	VIUVA	DIVORCIADA
TOTAL DO PAIS					
TOTAL	115	62	155	729	184
URBANO	105	66	142	904	240
RURAL	120	60	160	673	146
REGIÃO DE BISSAU					
TOTAL	100	65	136	886	243
REGIÃO DE BAFATA					
TOTAL	114	58	159	690	181
URBANO	107	68	149	790	249
RURAL	116	55	161	673	164
REGIÃO DE GABU					
TOTAL	112	52	153	666	229
URBANO	110	61	152	1079	226
RURAL	112	50	153	601	230
REGIÃO DE BIOMBO					
TOTAL	123	69	155	1154	202
URBANO	124	73	145	8600	500
RURAL	123	68	156	1103	194
REGIÃO DE CACHEU					
TOTAL	127	65	165	808	196
URBANO	123	71	165	1024	298
RURAL	128	63	165	776	176
REGIÃO DE OIO					
TOTAL	121	63	157	659	115
URBANO	114	69	149	1032	172
RURAL	122	61	158	620	108
REGIÃO DE BOLAMA					
TOTAL	114	70	151	348	112
URBANO	108	70	139	835	193
RURAL	116	70	154	290	92
REGIÃO DE QUINARA					
TOTAL	122	64	165	616	138
URBANO	107	63	145	395	200
RURAL	125	65	169	652	123
REGIÃO DE TOMBALI					
TOTAL	120	60	166	630	130
URBANO	108	60	151	703	168
RURAL	122	60	169	616	124

VI- MULHER CHEFE DE AGREGADO

O número de agregados familiares envolveu bastante nestes últimos anos. De 1979 a 1991 houve um aumento de 8.165 agregados, uma vez que em 1979 existia no país 123.759 agregados, ao passo que em 1991 o número de agregados atingiu os 131.924. Verificou-se também um sensível aumento no tamanho dos agregados, que passou de uma média de 6,2 para 6,5 pessoas, em 1991. Tanto o número dos agregados como a sua dimensão aumentam em função da idade mas, a partir dos 55 anos constata-se uma sensível diminuição.

Apesar desta diminuição, o tamanho dos agregados é maior nestas faixas etárias do que nas idades mais jovens, talvez devido às desagregações de agregados que acontecem nesta faixa etária pela morte de seus chefes. Relativamente ao aumento do tamanho, ele explica-se pela transformação de agregados mononucleares simples em compostos.

Normalmente, os agregados chefiados por mulheres são menores que os chefiados por homens. Entretanto o tamanho dos agregados chefiados por mulheres solteiras, viúvas e divorciadas, é superior ao dos homens nas mesmas condições. Além disso, as mulheres viúvas, apresentam maior número de agregados do que os viúvos (5.491 e 1.588, respectivamente).

Em 1991 existiam 14.788 agregados familiares chefiados por mulheres, cuja dimensão média era de 5,3 pessoas por agregado. A proporção dos agregados chefiados por mulheres com menos de 20 anos e até 24 anos é relativamente baixa, começando a aumentar progressivamente a partir dos 25 anos. O seu tamanho não chega a atingir a média nacional (6,5). As mulheres chefiavam 11,2% do total de agregados do país, em 1991. Os agregados femininos são na sua maioria chefiados por mulheres viúvas (5.491) e mulheres casadas (5.328).

Em todos estes grupos sociais (solteiras, casadas, viúvas e divorciadas) o tamanho médio dos agregados não atinge a média nacional. Só os agregados chefiados por mulheres casadas na faixa etária dos 50 a 74 anos têm um tamanho médio que ultrapassa a média nacional (consultar o quadro 27).

Quadro: 27 - Pessoas a viver em agregados familiares, segundo estado civil e sexo do chefe do agregado por grupo etário do respectivo chefe.

Grupo Etário	Total		Solteira	
	Agregado	Dimensão	Agregado	Dimensão
Taxa Masculino				
Total do País	11.7136	7,7	8.359	2,8
	1.256			
Menos 20 Anos	1.366	4,3	853	3,5
20 - 24 Anos	10.067	4,3	1.297	2,9
25 - 29 Anos	13.025	4,9	1.929	2,7
30 - 34 Anos	14.827	6,0	1.227	2,6
35 - 39 Anos	13.244	6,9	796	2,6
40 - 44 Anos	12.450	7,9	502	2,9
45 - 49 Anos	10.114	8,4	389	2,7
50 - 54 Anos	7.117	8,7	303	2,8
55 - 59 Anos	9.611	9,0	208	2,7
60 - 64 Anos	6.834	8,8	273	2,9
65 - 69 Anos	5.785	9,0	189	3,1
70 - 74 Anos	9.443	9,1	150	2,7
75 e + Anos		9,5	243	3,2

Casada		Viuva		Divorc/Separado	
Agregado	Dimensão	Agregado	Dimensão	Agregado	Dimensão
105.448	8,2	1588	4,4	1741	3,6
396	6,1	5	2,4	2	3,0
2.031	5,2	14	2,9	24	3,6
8.031	5,5	35	3,3	72	2,8
11.577	6,4	53	4,1	168	3,4
13.730	7,3	79	3,8	222	3,5
12.428	8,2	112	4,5	202	3,7
11.668	8,7	154	4,6	239	3,8
9.508	9,0	127	4,4	176	3,8
6.684	9,4	100	4,0	122	3,4
8.988	9,2	186	3,9	164	3,4
6.351	9,4	171	4,4	123	3,9
5.375	9,5	157	4,4	103	3,2
8.681	10,0	395	5,0	124	4,2

Grupo Etário	Total		Solteira	
	Agregado	Dimensão	Agregado	Dimensão
Taxa Femenino Total do País	14.788	5,3	2495	4,4
Menos 20 Anos	470	3,9	342	3,9
20 - 24 Anos	587	4,0	162	3,3
25 - 29 Anos	1.222	4,5	254	3,5
30 - 34 Anos	1.348	5,3	269	4,0
35 - 39 Anos	1.587	5,6	261	4,8
40 - 44 Anos	1.455	5,9	195	5,3
45 - 49 Anos	1.530	5,7	202	4,8
50 - 54 Anos	1.509	5,8	208	5,3
55 - 59 Anos	922	6,0	135	4,8
60 - 64 Anos	1.407	5,4	174	5,0
65 - 69 Anos	932	5,2	111	4,2
70 - 74 Anos	753	5,4	95	4,6
75 e + Anos	996	4,9	87	4,6

Casada		Viuva		Divorc/Separado	
Agregado	Dimensão	Agregado	Dimensão	Agregado	Dimensão
5.328	5,9	5.491	5,3	1.474	5,0
107	4,3	11	3,4	10	3,3
336	4,4	39	4,7	50	3,5
703	4,9	114	4,9	151	4,2
698	5,9	186	5,7	195	4,7
751	6,1	327	5,5	248	5,2
550	6,4	509	5,7	201	5,7
505	6,2	636	5,7	187	5,5
443	6,6	737	5,7	121	5,5
261	6,9	511	5,8	85	5,5
400	6,3	740	5,1	93	4,5
221	6,2	547	4,9	53	4,4
159	6,9	464	5,0	35	4,6
194	6,2	670	4,6	45	3,9

6.1 - MULHER CHEFE DE AGREGADO NO MEIO URBANO

Em 1991, havia no meio urbano 49.262 agregados, entre os quais 8.930 eram chefiados por mulheres. O número médio de pessoas residentes nos agregados é de 6,1.

Os agregados urbanos chefiados por mulheres representam 18,1% dos agregados existentes nas cidades. Os agregados chefiados por mulheres casadas do meio urbano são em maior número do que os agregados chefiados por mulheres solteiras, viúvas e divorciadas. Em suma, o tamanho médio dos agregados chefiados por mulheres viúvas é superior ao das mulheres casadas (5,9 pessoas).

Os grupos etários com maior número de agregados são os de 30 até 39 anos. Contudo os agregados mais extensos encontram-se nos grupos etários de 40 até 65 anos.

As mulheres casadas de 55 a 59 anos chefiam um total de agregados (inferior ao número de agregados chefiados por mulheres com 20 a 24 anos), cujo tamanho médio (7,2) é superior à média nacional. Estes dados mostram que nas cidades o número de agregados femininos diminui a partir dos 50 anos, enquanto que o seu tamanho é mais extenso do que nos grupos etários mais jovens (quadro 28).

Quadro:28-Pessoas a viver em agregados familiares, segundo estado civil e sexo do chefe do agregado, por grupo etário no meio urbano

Sexo Fem	Meio Urbano									
	Total		Solteiro		Casado		Viuvos		Divorc.	
	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim
Tot	8930	5,5	1766	4,5	3093	5,8	2881	5,9	1190	5,5
< 20	209	3,5	152	3,4	44	3,8	4	4,5	9	3,0
20-24	448	3,8	143	2,9	240	4,2	20	5,1	45	3,0
25-29	953	4,5	230	3,4	510	4,9	77	5,1	136	4,0
30-34	1035	5,1	238	3,9	494	5,6	125	5,9	178	4,0
35-39	1193	5,6	227	4,8	520	6,1	227	5,8	219	5,0
40-44	969	6,2	148	5,6	327	6,6	316	6,2	178	5,0
45-49	980	6,0	157	5,1	290	6,5	374	6,0	159	5,0
50-54	846	6,2	140	5,5	215	6,4	402	6,4	89	5,0
55-59	571	6,4	95	6,1	123	7,2	284	6,4	69	5,0
60-64	627	5,6	84	5,4	142	6,2	347	5,7	54	4,0
65-69	433	5,5	58	5,2	83	6,1	265	5,4	27	5,0
70-74	312	5,9	51	5,2	44	8,1	204	5,7	13	4,0
75 e+	354	5,1	43	5,3	61	6,2	236	4,9	14	3,0

6.2 Mulher chefe de agregado no meio rural

A população do campo forma 82.662 agregados familiares, dos quais 76.804 chefiados por homens e 5.858 chefiados por mulheres. Contrariamente ao meio urbano, no meio rural há poucas mulheres chefes de agregado, não obstante serem a maioria nesse meio (8.930 agregados chefiados por homens e 5.858 agregados chefiados por mulheres, respectivamente).

No mundo rural, a maioria de mulheres chefes de agregados são viúvas. Contudo o número médio de pessoas nos agregados chefiados por mulheres casadas é mais elevado (6,1).

Apenas 7% dos agregados do meio rural são chefiados por mulheres. Verifica-se, no mundo rural, que o número de agregados chefiados por mulheres solteiras com menos de 20 anos é superior ao de outros grupos etários. Tal facto não se verifica somente no seio da população feminina, mas também entre homens solteiros com menos de 20 anos. Além disso, a dimensão dos agregados apresenta uma forma decrescente (quadro 29).

Quadro:29-Pessoas a viver em agregados familiares, segundo o estado civil e sexo do chefe do agregado, por grupo etário e meio de residência.

Sexo Fem	Meio Rural									
	Total		Solteiro		Casado		Viuvos		Divorc.	
	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim
Tot	5.858	5,1	729	4,1	2235	6,1	2610	4,7	284	4,4
< 20	261	4,3	190	4,2	63	4,7	7	2,7	1	2,0
0-24	139	4,7	19	5,6	96	4,8	19	4,3	5	2,4
25-29	269	4,6	24	4,0	193	4,8	37	4,5	15	3,5
30-34	313	5,9	31	4,5	204	6,4	61	5,3	17	4,7
35-39	394	5,5	34	4,7	231	6,0	100	4,8	29	4,5
40-44	436	5,4	47	4,5	223	6,2	193	4,9	23	4,0
45-49	550	5,3	45	3,8	215	5,9	262	5,2	28	4,5
50-54	663	5,4	68	4,1	228	6,7	335	4,8	32	4,7
55-59	421	5,4	40	3,5	138	6,7	227	5,0	16	5,0
60-64	780	5,2	90	4,3	258	6,4	393	4,6	39	4,8
65-69	499	4,7	53	2,9	138	6,3	282	4,4	26	3,7
70-74	441	5,0	44	4,0	115	6,5	260	4,5	22	5,0
75 e+	642	4,7	44	4,0	133	6,2	434	4,4	31	4,2

6.3 NÍVEL DE INSTRUÇÃO DE MULHERES CHEFES DE AGREGADOS

O nível de instrução tem uma grande influência na constituição dos agregados familiares, como também no seu tamanho. Assim, há grandes assimetrias na formação dos agregados segundo o nível de instrução dos respectivos chefes.

Os agregados chefiados por pessoas sem qualquer nível de instrução são mais numerosos e extensos (89.848 agregados e uma média de 7 pessoas por agregado). 28.640 agregados são chefiados por pessoas com nível primário, com um tamanho médio de 6,4 pessoas; os chefes de 11.821 agregados, com dimensão média de 5,3 pessoas, têm nível secundário. Finalmente, com nível temos apenas os chefes de 0,1% dos agregados, que totalizam 1.415 agregados. O número médio de pessoas residentes nestes agregados é 3,9.

Estes dados deixam claro os efeitos da instrução no desenvolvimento dos agregados familiares guineenses. Quanto maior for a instrução dos chefes dos agregados, menor é o tamanho médio de pessoas nesses agregados.

Dos 14.788 agregados familiares chefiados por mulheres, 11.485 são chefiados por mulheres sem nível; 2.087 com nível básico e complementar; 1.128 com nível secundário e só 88 com nível superior. A dimensão média dos agregados chefiados por mulheres sem nível e com nível básico e complementar é de 5,4 pessoas. O tamanho médio dos agregados chefiados com mulheres com nível superior é de 3,1 pessoas.

A partir dos 40 anos de idade, reduz-se o número de agregados chefiados por mulheres com nível secundário, mas a dimensão dos seus agregados continuam a ser maiores do que a das gerações mais novas.

Quanto ao nível superior, em 1991, havia somente 0,5% de mulheres chefes de agregados com este nível. As gerações dos 60 a 69 anos não tinham nenhuma representatividade (quadro 30).

Quadro 30-Dimensão dos agregados familiares segundo grupo etário, sexo e o nível de instrução do chefe de agregado.

Grup Etá.	TOTAL DO PAIS				SEXO MASCULINO						
	Total		Sem Nível		Basic/Comp.		Secundário		Superior		
	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	
Sex m											
Total	117136	7,7	78363	8,1	26753	7,4	10693	5,9	1327	4,7	
< 20	1256	4,3	652	4,9	471	4,0	132	2,9	1	4,0	
20-24	10067	4,3	1116	4,6	1438	4,5	792	3,3	20	3,8	
25-29	13025	4,9	3365	5,1	3846	5,1	2707	4,4	149	3,7	
30-34	14827	6,0	5313	6,2	4640	6,1	2696	5,5	376	4,2	
35-39	13244	6,9	7477	7,0	4885	7,2	979	6,7	396	5,0	
40-44	12450	7,9	8307	7,7	3775	8,5	582	7,6	183	5,9	
45-49	10114	8,4	5807	8,2	2959	9,1	582	8,7	102	4,9	
50-54	7114	8,7	5020	8,5	1729	9,8	303	8,3	62	5,0	
55-59	9611	9,0	5906	8,9	1027	10,0	159	8,7	22	4,0	
60-64	6834	8,8	4683	8,6	815	10,4	105	8,8	8	5,4	
65-69	5785	9,0	4240	8,8	513	10,3	77	9,0	4	4,8	
70-74	9443	9,1	5478	9,0	268	10,0	36	10,6	3	11,2	
75 e+	996	9,5	4999	9,5	387	9,9	56	10,3	1	3,8	

Quadro 30- Dimensão dos agregados familiares segundo grupo etário, sexo eo nível de intrução do chefe do agregado.

Grupo Etário	TOTAL DO PAIS				SEXO FEMININO						
	Total		Sem Nível		Basic/Comp.		Secundário		Superior		
	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	
Sex Fem.											
Total	14788	5,3	11485	5,4	2087	5,4	1123	4,7	88	3,1	
< 20	470	3,9	342	4,0	105	3,9	22	4,0	1	4,0	
20-24	587	4,0	268	4,5	171	3,6	143	3,7	5	1,2	
25-29	1222	4,5	548	4,6	358	4,6	305	3,9	11	3,1	
30-34	1348	5,3	740	5,4	319	5,2	265	5,3	14	3,2	
35-39	1587	5,6	1025	5,7	319	5,9	222	5,2	21	3,2	
40-44	1455	5,9	1156	5,8	205	6,4	79	6,3	15	3,3	
45-49	1530	5,7	1302	5,6	179	6,6	43	5,5	6	2,8	
50-54	1509	5,8	1373	5,8	115	6,2	19	5,7	2	2,0	
55-59	992	6,0	871	5,8	110	7,0	10	7,4	1	7,0	
60-64	1407	5,4	1319	5,4	77	5,4	11	3,7	-	-	
65-69	932	5,1	869	5,0	60	6,2	3	8,3	-	-	
70-74	753	5,4	714	5,3	34	6,7	3	2,0	2	4,0	
75 e+	996	4,9	958	4,9	35	4,1	3	3,7	-	-	

6.4 NÍVEL DE INSTRUÇÃO DE MULHERES CHEFES DE AGREGADOS NO MEIO

Globalmente, em 1991, havia nos centros urbanos 19.351 agregados familiares chefiados por indivíduos sem instrução, 18.054 cujos chefes tinham nível básico elementar e complementar, 10.490 com nível secundário e 1.367 com nível superior. No meio urbano a maior parte das mulheres chefes de agregados possui qualquer nível de instrução. Com os homens, a situação é diferente, a maior parte deles que chefiam agregados possuem o nível básico e complementar. Tanto os agregados chefiados por mulheres sem nível como aqueles chefiados por mulheres com alto nível de instrução são mais pequenos.

em comparação com os chefiados por homens, qualquer que seja seu nível de instrução. 92% de mulheres chefes de agregado com algum nível de instrução são do meio urbano. Contudo, elas representam o tamanho médio de pessoas residentes nos agregados chefiados por mulheres representam apenas 10% dos agregados instruídos das cidades.

Os grupos etários dos 40 e mais anos, independentemente do nível de instrução das pessoas que os chefiam, apresentam agregados muito extensos.

Quadro 31-Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo e o nível de instrução de chefe de agregado.

Grupo Etário	TOTAL DO PAIS		SEXO MASCULINO								
	Total		Sem Nível		Basic/Comp.		Secundário		Superior		
	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	
Sexo M.											
Total	40332	6,8	13461	7,3	16155	7,1	9432	5,7	1284	4,7	
< 20 Anos	505	3,1	148	3,8	237	3,0	119	2,6	1	4,0	
20-24 Anos	1710	3,3	224	3,3	748	3,5	718	3,0	2	3,6	
25-29 Anos	5343	4,3	751	4,0	2068	4,5	2334	4,3	140	3,7	
30-34 Anos	6662	5,4	1165	5,2	2731	5,7	2398	5,4	368	4,2	
35-39 Anos	6840	6,6	1582	6,4	3042	6,9	1831	6,7	365	5,0	
40-44 Anos	5217	7,7	1732	7,3	2433	8,3	878	7,6	174	6,0	
45-49 Anos	4297	8,4	1740	7,8	1945	9,0	513	8,5	9	5,0	
50-54 Anos	3026	8,6	1528	8,1	1175	9,6	265	8,0	6	5,1	
55-59 Anos	1870	8,8	1051	8,5	655	9,6	142	8,5	2	4,0	
60-64 Anos	1782	8,9	1203	8,5	488	9,8	84	8,4	7	5,9	
65-69 Anos	1139	9,0	792	8,8	287	10,0	56	8,2	4	4,8	
70-74 Anos	786	8,9	602	8,9	155	9,3	26	9,8	3	11,3	
75 e+ Anos	1155	9,0	945	9,0	191	8,9	18	8,7	1	3,0	

Quadro 31-Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo e o nível de instrução de chefe de agregado.

Grupo Etário	TOTAL DO PAIS		SEXO FEMININO								
	Total		Sem Nível		Basic/Comp.		Secundário		Superior		
	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	
Sexo Fem.											
Total	8930	5,5	5890	5,5	1899	5,4	1058	4,8	83	3,2	
< 20 Anos	209	3,5	104	3,5	85	3,7	19	3,6	1	4,0	
20-24 Anos	448	3,8	162	4,0	150	3,7	131	3,7	5	1,2	
25-29 Anos	953	4,5	351	4,5	310	4,6	281	4,0	11	3,1	
30-34 Anos	1035	5,1	463	5,1	297	5,1	253	5,3	22	3,4	
35-39 Anos	1193	5,6	665	5,6	295	5,9	213	5,2	20	3,4	
40-44 Anos	969	6,2	686	6,2	192	6,6	78	6,3	13	3,4	
45-49 Anos	980	6,0	774	6,0	162	6,5	38	5,6	6	2,8	
50-54 Anos	846	6,2	714	6,2	111	6,1	19	5,7	2	2,0	
55-59 Anos	571	6,4	476	6,4	104	6,9	10	7,4	1	7,0	
60-64 Anos	627	5,6	543	5,6	75	5,3	9	4,3	-	-	
65-69 Anos	433	5,5	373	5,5	58	6,2	2	6,5	-	-	
70-74 Anos	312	5,9	279	5,9	29	6,3	2	2,5	2	4,0	
75 e+ Anos	354	5,1	320	5,1	31	4,1	3	3,7	-	-	

6.5 NÍVEL DE INSTRUÇÃO DE MULHERES CHEFES DE AGREGADOS NO MEIO RURAL

Embora a maior parte dos agregados familiares do país (62,8%) pertençam ao meio rural, apenas 28,9% desses agregados são chefiados por pessoas com algum nível de instrução. Relativamente às mulheres, somente 0,6% de agregados do mundo rural são chefiados por mulheres instruídas. Se nos centros urbanos os agregados chefiados por mulheres sem nível são 3 vezes maior do que os chefiados por mulheres com nível primário, no mundo rural, a diferença é de 5.670 agregados.

O tamanho médio dos agregados chefiados por mulheres com nível superior é restrito mesmo no campo (3,9). Em 1991, existiam no mundo rural apenas 5 agregados familiares chefiados por mulheres com nível superior, cujas idades variavam entre 30 a 44 anos. Tratava-se das poucas mulheres que beneficiaram de bolsas de estudo após a independência.

Apesar do tamanho dos agregados chefiados por pessoas instruídas ser, de um modo geral, inferior ao dos agregados chefiados por pessoas sem nível, na faixa etária dos 45-75 anos, verifica-se o inverso, com exceção dos agregados femininos no campo chefiados por pessoas com nível secundário e superior, cujo tamanho é geralmente pequeno. A razão disto é que quase todas as mulheres com nível superior que vivem no meio rural, são quadros enviados ao exterior em missão de serviço (quadro 32).

Quadro 32-Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo e nível de instrução do chefe de agregado.

Grupo Etário	TOTAL DO PAIS				SEXO MASCULINO						
	Total		Sem Nível		Basic/Comp.		Secundário		Superior		
	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	
Sexo Masc.											
Total	76804	8,1	64902	8,2	10590	7,8	1261	7,0	43	4,2	
< 20 Anos	751	5,2	504	5,2	234	5,1	13	5,5	-	-	
20-24 Anos	1656	5,3	892	5,0	690	5,5	74	6,1	-	-	
25-29 Anos	4724	5,6	2614	5,4	1778	5,8	323	5,5	9	3,7	
30-34 Anos	6363	6,5	4148	6,5	1909	6,8	298	6,0	8	2,6	
35-39 Anos	7987	7,2	5895	7,1	1843	7,6	238	6,8	11	6,0	
40-44 Anos	8027	8,0	6575	7,8	1342	8,9	101	8,1	9	4,4	
45-49 Anos	8153	8,4	7067	8,3	1014	9,3	69	10,1	3	1,0	
50-54 Anos	7088	8,7	6494	8,6	554	10,0	38	10,9	2	7,0	
55-59 Anos	5244	9,1	4855	9,0	372	10,7	17	10,3	-	-	
60-64 Anos	7829	8,8	7480	8,6	327	11,3	21	10,3	1	2,0	
65-69 Anos	5695	8,9	5448	8,9	226	10,7	21	11,2	-	-	
70-74 Anos	4999	9,1	4876	9,0	113	10,9	10	12,8	-	-	
75 e+ Anos	8288	9,6	8054	9,6	196	10,8	38	11,1	-	-	

Quadro 32-Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo e nível de instrução do chefe de agregado.

Grupo Etário	TOTAL DO PAIS				SEXO FEMININO					
	Total		Sem Nível		Basic/Comp.		Secundário		Superior	
	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim
Sexo Fem.	5858									
Total	261	5,1	5595	5,2	188	5,3	70	3,9	5	1,8
< 20 Anos	139	4,3	238	4,2	20	4,5	3	6,7	-	-
20-24 Anos	269	4,7	106	5,2	21	3,3	12	2,8	-	-
25-29 Anos	313	4,6	197	4,8	48	4,4	24	3,4	-	-
30-34 Anos	394	5,9	277	5,9	22	6,7	12	4,5	2	1,0
35-39 Anos	486	5,5	360	5,5	24	5,6	9	4,6	1	1,0
40-44 Anos	550	5,4	470	5,5	13	4,8	1	2,0	2	3,0
45-49 Anos	663	5,4	528	5,3	17	8,1	5	4,8	-	-
50-54 Anos	421	5,4	659	5,4	4	7,0	-	-	-	-
55-59 Anos	780	5,4	415	5,4	6	7,3	-	-	-	-
60-64 Anos	499	5,2	776	5,2	2	6,5	2	1,0	-	-
65-69 Anos	441	4,7	496	4,7	2	4,5	1	12,0	-	-
70-74 Anos	642	5,0	435	5,0	5	8,8	1	1,0	-	-
75 e+ Anos		4,7	638	4,7	4	4,0	-	-	-	-

6.6 - 66% DE MULHERES CHEFES DE AGREGADOS SÃO ACTIVAS

Em 1991, estavam assim repartidos, por profissão, as mulheres que chefiavam os 14.788 agregados: 9.655 empregadas, 174 desempregadas, 118 reformadas e 711 de outras actividades não identificadas ("outros").

A dimensão dos agregados chefiados por mulheres domésticas é maior, com uma média de 5,6 pessoas por agregado. O grupo com menor dimensão de agregados é o das desempregadas, com uma media de 4,8 pessoas e é a que possui o menor número de agregados, logo depois dos agregados chefiados pelas reformadas (174), principalmente nas faixa etárias de 50 e mais anos, onde o número total dos agregados é somente 36. O grupo das reformadas, com um total de 118 agregados, integra as mulheres com idades compreendidas entre 50 e 75 anos.

Ao fazer uma comparação entre os agregados masculinos e femininos segundo a actividade do chefe, verificamos que a dimensão dos agregados masculinos é geralmente superior à dos agregados femininos. Nota-se também que a teoria domestica prevalece somente a nível das mulheres, contudo as mulheres consideradas domésticas têm um papel preponderante no desenvolvimento socio-económico da família.

Enquanto que, no seio dos agregados chefiados por mulheres, os que são chefiados por domésticas são maiores, entre os homens os agregados chefiados por homens reformados possuem uma média de 9,2 pessoas por agregado (quadro 33).

Quadro 33-Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário e actividade de chefe de agregado.

GRUPO ETARIO	TOTAL DO PAIS						SEXO MASCULINO					
	TOTAL		Empregado		Desemp.		Dom.		Reformado		Outros	
	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	Ag	Di	Agr	Dim	Agr	Dim
Sexo Masc.												
Total	117136	7,7	110326	7,6	1796	6,7	-	-	1145	9,2	3869	
< 20 Anos	1256	4,3	1021	4,5	49	3,8	-	-	-	-	186	
20-24	3366	4,3	3107	4,4	115	2,8	-	-	-	-	144	
25-29	10067	4,9	9684	4,9	220	3,8	-	-	-	-	163	
30-34	14827	6,0	12645	6,0	198	5,3	-	-	-	-	182	
35-39	13025	6,9	14455	7,0	189	6,3	-	-	-	-	183	
40-44	13244	7,9	12872	7,9	213	7,1	-	-	-	-	159	
45-49	12450	8,4	12019	8,4	274	8,1	-	-	-	-	157	
50-54	10114	8,7	9705	8,7	78	7,3	-	-	158	8,3	173	
55-59	7114	9,0	6776	9,0	63	8,8	-	-	126	8,9	149	
60-64	9611	8,8	9125	8,8	88	8,0	-	-	158	8,5	240	
65-69	6834	9,0	6432	8,9	61	9,8	-	-	140	8,7	201	
70-74	5785	9,1	5211	9,1	56	7,2	-	-	126	9,2	392	
75 e+ Anos	9443	9,5	7274	9,3	192	9,6	-	-	437	10,0	1540	

Quadro 33-Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário e actividade de chefe de agregado.

GRUPO ETARIO	TOTAL DO PAIS						SEXO FEMENINO					
	TOTAL		Empregado		Desemp.		Domestica		Ref.		Outros	
	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim
Sexo Fem.												
Total	14788	5,3	9555	5,3	174	4,8	4130	5,6	118	5,4	711	5,0
< 20 Anos	470	3,9	310	3,6	12	3,1	74	4,9	-	-	74	4,4
20-24	587	4,0	350	4,0	15	4,3	194	4,1	-	-	28	3,8
25-29	1222	4,5	767	4,4	29	4,1	406	4,8	-	-	20	4,7
30-34	1348	5,3	942	5,3	20	4,0	359	5,2	-	-	27	4,0
35-39	1587	5,6	1183	5,5	11	5,6	365	5,9	-	-	28	5,0
40-44	1455	5,9	1062	5,9	20	5,7	342	6,1	-	-	31	6,0
45-49	1530	5,7	1073	5,5	23	5,3	394	6,4	-	-	40	4,9
50-54	1509	5,8	1040	5,9	9	3,8	404	5,9	14	4,8	42	5,0
55-59	992	6,0	634	5,8	8	4,9	317	6,3	7	7,4	26	6,0
60-64	1407	5,4	867	5,2	7	4,4	432	5,9	23	5,3	78	5,0
65-69	932	5,1	551	4,9	5	9,6	288	5,3	18	5,6	70	5,0
70-74	753	5,4	421	5,1	7	5,4	233	6,0	19	5,3	73	5,0
75 e+ Anos	996	4,9	455	4,9	8	5,4	322	4,8	37	5,4	174	4,7

6.6.1 - MEIO URBANO

Nas cidades, 58% de mulheres chefes de agregados são activas. Portanto, elas constituem a maioria dos agregados femininos do meio urbano. 5.189 agregados dos 8.930 eram chefiados por empregadas e desempregadas. Considera-se população activa a população de 8 e mais anos ocupada ou a procura de um emprego.

As mulheres domésticas representam o segundo grupo social com maior número de agregado e o tamanho médio do seu agregado (5,7) superior a de todos restantes grupos sociais. No meio urbano a dimensão dos agregados dirigidos por mulheres empregadas é igual à dimensão dos agregados chefiados por mulheres reformadas.

Contrariamente à população feminina, no seio da população masculina a dimensão máxima de agregados regista-se no grupo dos reformados, com uma média de 8,8 pessoas por agregado, mas os grupos etários dos 50 a 75 anos apresentam uma dimensão elevada de agregados em todos os grupos sociais (de 8,5 a 10,8 pessoas por agregado). (quadro n.º 34).

Quadro 34-Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo e actividade do chefe de agregado

TOTAL DO PAIS

SEXO MASCULINO

GRUPO ETARIO	TOTAL		Empre. do		Desemp.		Dom.		Ref.		Outros	
	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	A	Di	Agr	Dim	Agr	Dim
Sexo Masc.												
Total	40332	6,8	36806	6,8	1325	6,0	-	-	755	8,8	1446	6,4
< 20 Anos	505	3,1	319	3,3	35	2,5	-	-	-	-	141	2,8
20-24	1710	3,3	1475	3,4	107	3,7	-	-	-	-	178	2,9
25-29	5343	4,3	5010	4,3	200	5,0	-	-	-	-	133	4,3
30-34	6662	5,4	6341	5,4	179	6,2	-	-	-	-	142	4,8
35-39	6840	6,6	6537	6,6	168	7,1	-	-	-	-	135	6,4
40-44	5217	7,7	4911	7,8	185	7,9	-	-	-	-	101	7,0
45-49	4297	8,4	3973	8,4	227	7,1	-	-	-	-	97	7,7
50-54	3026	8,6	2748	8,7	52	8,6	-	-	143	8,4	83	8,0
55-59	1870	8,8	1646	8,8	41	6,0	-	-	116	8,9	67	8,3
60-64	1782	8,9	1528	9,0	43	8,9	-	-	127	8,6	84	8,4
65-69	1139	9,0	945	9,0	29	6,9	-	-	113	8,9	52	10,8
70-74	786	8,9	604	9,0	17	9,8	-	-	77	8,7	88	9,2
75 e+ Anos	1155	9,0	739	8,9	42		-	-	179	9,3	195	8,7

Quadro 34-Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo e actividade do chefe de agregado

TOTAL DO PAIS

SEXO FEMININO

GRUPO ETARIO	TOTAL		Emp		Des		Dom		Ref		Out	
	Agre	Dim	Agre	Dim	Agre	Dim	Agre	Dim	Agre	Dim	Agre	Dim
Sexo Fem.												
Total	8930	5,5	5024	5,4	165	4,8	3215	5,7	77	5,4	449	5,1
< 20 Anos	209	3,5	94	3,0	11	3,2	50	3,9	-	-	54	4,1
20-24 Anos	448	3,8	230	3,6	14	4,0	176	4,0	-	-	28	3,8
25-29 Anos	953	4,5	529	4,3	28	4,1	376	4,7	-	-	20	4,7
30-34 Anos	1035	5,1	663	5,0	20	4,0	326	5,2	-	-	26	5,0
35-39 Anos	1193	5,6	831	5,5	11	5,6	325	5,9	-	-	26	5,7
40-44 Anos	969	6,2	648	6,1	19	5,7	276	6,3	-	-	31	6,7
45-49 Anos	980	6,0	590	5,7	23	5,3	336	6,5	-	-	28	4,7
50-54 Anos	846	6,2	490	6,4	9	3,8	306	6,0	13	5,0	22	5,1
55-59 Anos	571	6,4	284	6,2	7	5,0	251	6,6	7	7,4	40	7,4
60-64 Anos	627	5,6	274	5,2	6	4,5	286	6,1	21	5,3	36	5,3
65-69 Anos	433	5,5	171	5,5	5	9,6	205	5,5	16	5,6	42	5,2
70-74 Anos	312	5,9	122	6,1	6	5,0	134	6,3	8	4,8	70	4,2
75 e+ Anos	354	5,1	98	5,3	6	5,7	168	4,8	12	4,8		5,5

6.6.2 - MEIO RURAL

As mulheres chefes de agregado segundo a actividade do chefe do mundo rural, são quase 2 vezes menor do que o número existentes em cidades, (8.930 contra 5.858). Elas têm maior representatividade no grupo das empregadas.

Neste caso, pode-se dizer que a maioria de mulheres chefes de agregado do meio rural em 1991 eram activas. Existiam somente 2 agregados dirigidos por mulheres desempregadas em 1991 e em 1990. Nesta geração este grupo social apresentava no máximo 2 agregados. O número médio de pessoas nos agregados é maior no grupo das reformadas. Este fenómeno também diz respeito aos agregados chefiados por homens reformados do mundo rural, que apresentam média de 9,9 pessoas por agregado.

Tanto os homens como as mulheres reformadas do campo, em 1991 faziam parte dos grupos sociais com maior dimensão de agregados. Talvez seja porque a partir dos 50 anos de idade a dimensão dos agregados aumenta e é precisamente nessas idades que a reforma é mais acentuada na população guineense (quadro nº 35).

Quadro 35-Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo e actividade do chefe de agregado.

TOTAL DO PAIS

SEXO MASCULINO

GRUPO ETARIO	TOTAL		Emp		Des		Dom		Ref		Out	
	Agre	Dim	Agre	Dim	Agre	Dim	Agre	Dim	Agre	Dim	Agre	Dim
Sexo Masc.												
Total	76804	8,1	73520	8,1	471	8,6	-	-	390	9,9	2423	9,7
< 20 Anos	751	5,2	692	5,1	14	4,8	-	-	-	-	45	5,6
20-24	1656	5,3	1632	5,3	8	5,9	-	-	-	-	16	5,7
25-29	4724	5,6	4674	5,6	20	5,9	-	-	-	-	30	6,7
30-34	6363	6,5	6304	6,5	19	7,5	-	-	-	-	40	6,6
35-39	7987	7,2	7918	7,2	21	7,0	-	-	-	-	48	7,6
40-44	8027	8,0	7941	8,0	28	7,3	-	-	-	-	58	7,3
45-49	8153	8,4	8046	8,4	47	9,2	-	-	-	-	60	8,1
50-54	8088	8,7	6957	8,7	26	7,8	-	-	15	7,7	90	8,7
55-59	7244	9,1	5130	9,1	22	9,0	-	-	10	9,1	82	8,7
60-64	7829	8,8	7597	8,8	45	9,8	-	-	31	7,9	156	8,6
65-69	6495	8,9	5487	8,9	32	10,5	-	-	27	7,9	149	9,3
70-74	4999	9,1	4697	9,1	39	7,3	-	-	49	9,9	304	9,2
75 e+ Anos	8288	9,6	6535	9,4	150	9,6	-	-	258	10,5	1345	10,6

Quadro 35-Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo e actividade do chefe de agregado.

TOTAL DO PAIS

SEXO FEMININO

GRUPO ETARIO	TOTAL		Emp		Des		Dom		Rel		Out	
	Agre	Dim	Agre	Dim	Agre	Dim	Agre	Dim	Agre	Dim	Agre	Dim
Sexo Fem.												
Total	5858	5,1	4631	5,1	9	4,9	915	5,3	41	5,5	262	4,8
< 20 Anos	261	4,3	216	3,9	1	2,0	24	7,1	-	-	20	5,0
20-24	139	4,7	120	4,6	1	8,0	18	5,2	-	-	-	-
25-29	269	4,6	238	4,5	1	5,0	30	5,6	-	-	-	-
30-34	313	5,9	279	5,9	-	-	33	5,6	-	-	1	2,0
35-39	394	5,5	352	5,4	-	-	40	6,1	-	-	2	8,5
40-44	486	5,4	414	5,5	1	4,0	66	5,2	-	-	5	4,4
45-49	550	5,4	483	5,3	-	-	58	5,8	-	-	9	3,8
50-54	663	5,4	550	5,4	-	-	98	5,5	1	2,0	14	4,6
55-59	421	5,4	350	5,5	1	4,0	66	5,1	-	-	4	3,8
60-64	780	5,2	593	5,2	1	4,0	146	5,4	2	5,5	38	5,2
65-69	499	4,7	380	4,6	-	-	83	4,9	2	5,0	34	5,8
70-74	441	5,0	299	4,7	1	8,0	99	5,4	11	5,7	31	6,1
75 e+ Anos	642	4,7	357	4,7	2	4,5	154	4,9	25	5,6	104	4,1

6.7 A MULHER, O AGREGADO FAMILIAR E A PROFISSÃO

Dos 979.203 habitantes em 1991, 537.286 pessoas viviam apenas da agricultura e criação de gado. Por outras palavras, 54,8% da população total do país exercia as suas actividades no ramo da agricultura e criação de gados.

A razão disto é que a Guiné-Bissau é um país agrícola. A agricultura é a actividade da maior parte dos agregados, e a dimensão dos agregados rurais (de agricultores, com 6,7 pessoas) é superior a de todas as outras profissões. Como se sabe a agricultura exige muita mão de obra, donde a necessidade de ter muita gente em casa para ajudar na lavoura. A seguir aos agricultores e criadores de gado aparece uma actividade económica mal definida "outros", ou seja os que não têm uma profissão concreta. Este grupo profissional constitui 30,9% da população total (302.797 pessoas). Tem 49.639 agregados com um tamanho médio de 6,1 pessoa por agregado.

Os pescadores e caçadores, com 1.398 agregados, têm em seus agregados, uma média de 6,2 pessoas. A profissão com menor número de agregados é a dos trabalhadores florestais (246), num total de 1.500 pessoas. Como se trata de uma profissão que exige maior esforço físico, tem pouca representatividade entre as mulheres, pois em 1991 existiam apenas 17 mulheres exercendo esta profissão, as quais tinham uma média de 6,1 pessoas por agregado.

Relativamente às mulheres com profissão, formam um total de 14.788 agregados, mas o grupo de "outras", com 9.387 agregados,

correspondente a 50.690 pessoas é o mais representativo. A isto é que a maior parte das actividades que as mulheres não foram registadas como profissões no censo de 1991.

A outras profissões em que a mulher é muito activa são agricultura e a criação de gado. Existem 5.197 agregados chefiados por mulheres com estas profissões, sendo o tamanho médio dos agregados igual ao tamanho médio de todos os agregados chefiados por mulheres em outras profissões, conforme se vê no quadro (pessoas).

Outros trabalhadores do sector primário é uma outra categoria profissional com poucos agregados chefiados por mulheres (25), também uma dimensão média de 5,3 pessoas por agregado, apesar de apresentar uma média de 10,5 e 14 pessoas por agregado nos grupos etários de 50 a 54 e 60 a 64 anos, respectivamente (quadro 36).

Quadro 36- Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo profissão de chefe de agregado

TOTAL DO PAÍS

SEXO MASCULINO

GRUPO ETARIO	TOTAL		Agr.Criagad		Pesca.Caçad		Trab.Flore		Out.Trab.S.P		Outros
	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agre	Dim	Agreg	Dim	Agreg
Sexo Masculino											
Total	117136	7,7	74995	8,1	1223	7,6	242	8,0	424	7,7	4000
Menos de 20 Anos	1256	4,3	560	5,4	4	9,5	-	-	6	5,2	600
20-24 Anos	3366	4,3	1595	5,3	24	4,7	8	4,1	9	5,2	1700
25-29 Anos	10067	4,9	4564	5,6	117	5,0	24	5,1	36	5,4	5500
30-34 Anos	13025	6,0	6214	6,5	177	5,8	37	5,9	41	5,4	6500
35-39 Anos	14827	6,9	7820	7,2	187	6,3	30	7,3	61	6,8	7700
40-44 Anos	13244	7,9	8133	7,9	131	8,1	23	9,4	38	7,3	4800
45-49 Anos	12450	8,4	8371	8,4	137	7,3	24	7,4	57	7,6	3800
50-54 Anos	10114	8,7	7239	8,7	99	8,0	28	9,0	52	8,8	2800
55-59 Anos	7114	9,0	5373	9,0	77	9,6	11	12,2	23	7,3	1800
60-64 Anos	9611	8,8	7932	8,7	106	9,5	19	10,6	32	9,7	1700
65-69 Anos	6834	9,0	5695	8,9	42	9,5	15	8,5	21	10,8	1000
70-74 Anos	5785	9,1	4735	9,0	61	11,2	11	9,8	21	7,6	900
75 e+ Anos	9443	9,5	6764	9,3	61	10,1	12	11,6	27	11,4	1500

Quadro 36-Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo profissão de chefe de agregado

TOTAL DO PAÍS

SEXO FEMENINO

GRUPO ETARIO	TOTAL		Agri.Cria.Gado		Pescad.Caça		Trab.Flore		Out.Trab.Sect.P		Outros	
	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agreg	Dim	Agreg	Dim
Sexo Feminino												
Total	131924	5,3	80197	5,3	1398	4,8	246	4,3	449	5,3	49639	5,4
Menos de 20 A.	470	3,9	85	3,6	5	6,6	-	-	1	2,0	379	4,0
20-24 Anos	587	4,0	133	4,7	3	2,2	-	-	2	4,0	449	3,8
25-29 Anos	1222	4,5	247	4,9	7	3,6	1	3,0	2	2,5	965	4,4
30-34 Anos	1348	5,3	305	6,0	14	4,0	1	4,0	-	-	1028	5,1
35-39 Anos	1587	5,6	424	5,6	18	6,4	-	-	3	4,0	1142	5,6
40-44 Anos	1455	5,9	498	5,6	21	5,6	-	-	4	4,5	932	6,1
45-49 Anos	1530	5,7	590	5,4	22	4,9	-	-	4	3,8	914	6,0
50-54 Anos	1509	5,8	652	5,6	29	4,9	1	7,0	2	14,0	825	6,0
55-59 Anos	992	6,0	422	5,6	15	5,1	-	-	2	1,5	553	6,3
60-64 Anos	1407	5,4	685	5,2	17	4,1	-	-	2	10,5	703	5,6
65-69 Anos	932	5,1	429	4,9	12	4,0	-	-	-	-	491	5,3
70-74 Anos	753	5,4	341	5,1	5	2,6	1	3,0	-	-	406	5,6
75 e+ Anos	996	4,9	386	4,9	7	4,1	-	-	3	6,7	600	4,8
Total do País	131924	6,5	80197	6,7	1398	6,2	246	6,1	449	6,5	49639	6,1

6.8 - A MULHER, O AGREGADO FAMILIAR E A PROFISSÃO, SEGUNDO O LOCAL DE RESIDÊNCIA

6.8.1 - Meio Urbano

A análise do agregado familiar por profissão segundo o local de residência demonstra que no meio urbano a profissão com maior número de agregados são as outras profissões não identificadas, aquelas que no censo de 1991 foram definidas por "outros". É nesta categoria que cabem 81% de agregados nos centros urbanos. A agricultura apesar de ser a base económica do país e globalmente ser a profissão exercida por 54,9% da população total do país, não é dominante nos centros urbanos.

Em suma, em 1991, nos centros urbanos, existiam 40.117 agregados no grupo de "outros" ao passo que na agricultura havia somente 8.172 agregados. A diferença é tão grande que concluímos que a agricultura não é uma prática dominante nos centros urbanos. Há no entanto um aspecto relevante que interessa salientar: É que o tamanho médio de pessoas nos agregados encabeçados por agricultores e criadores de gados, é superior ao de todas as outras profissões, mesmos nos centros urbanos. A necessidade de mão de obra na agricultura, devido à fraqueza tecnológica, é um dado fundamental para a compreensão deste facto.

Passa-se a mesma coisa em relação às mulheres. Existem mulheres noutras profissões do que na agricultura. Nesta profissão elas têm um total de 6.526 pessoas, ao passo que nas outras profissões não identificadas elas representam 42.443 pessoas constituem 7.717 agregados.

Do 4 agregados femininos existentes no seio dos trabalhadores florestais 3 são do meio urbano, e nas faixas etária de 30 a 49 anos, 50 a 54 e 70 a 74 anos, (um agregado por geração).

A pesca é a terceira profissão com maior representatividade de mulher, embora numa proporção muito baixa: estão nesta actividade 230 mulheres, formando um total de 48 agregados com dimensão média de 4,8 pessoas por agregado.

Nas cidades as mulheres que trabalham no sector primário são 79 pessoas. Possuem 17 agregados e uma média de 4,4 pessoas por agregado. A maior parte delas encontra-se na faixa etária de 35 e mais anos. Mesmo no seio das mulheres a agricultura continua a ser a profissão cujos membros têm agregados mais extensos. (quadro 37).

Quadro 37-Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo e profissão do chefe de agregado

TOTAL DO PAÍS

SEXO MASCULINO

GRUPO ETARIO	TOTAL		Agri.Cria. Gado		Pescad. Caçado.		Trab. Flore		Out.Trab. Sect.P		Outros	
	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim
Sexo Masc. Total	40332											
<20 Anos	505	6,8	7027	7,9	561	6,7	94	6,2	250	7,2	32400	6,6
20-24	1710	3,1	47	5,4	1	5,0	-	6,2	1	6,0	456	2,9
25-29	5343	3,3	115	4,5	10	3,4	4	-	5	4,0	1576	3,2
30-34	6662	4,3	426	5,0	71	4,4	13	4,3	22	5,0	4811	4,2
35-39	6840	5,4	654	6,0	102	5,1	22	4,5	24	5,3	5860	5,4
40-44	5217	6,6	827	7,0	98	6,1	20	5,5	35	6,3	5860	6,6
45-49	4297	7,7	907	8,0	64	8,0	13	6,5	18	7,3	4215	7,7
50-54	3026	8,4	894	8,5	64	7,4	7	8,2	49	7,5	3283	8,4
55-59	1870	8,6	762	8,5	38	7,9	6	5,3	38	8,2	2182	8,6
60-64	1782	8,8	513	8,9	27	8,1	2	5,7	15	7,1	1313	8,8
65-69	1132	8,9	661	8,9	41	8,8	-	9,5	18	10,4	1062	8,8
70-74	786	9,0	423	8,8	15	8,6	5	-	9	10,1	687	9,2
75 e+ Anos	1155	8,9	335	9,3	8	11,3	2	10,0	10	7,1	431	8,6
		9,0	463	8,9	22	10,3	-	7,0	6	7,7	664	9,0

Quadro N° 37 - Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo e profissão do chefe de agregado

TOTAL DO PAÍS

SEXO FEMENINO

GRUPO ETARIO	TOTAL		Agri.Cria. Gado		Pescad. Caçado.		Trab. Flore		Out.Trab. Sect.P		Outros	
	Agr	Dim	Agre	Dim	Agr	Dim	A g	Dim	Agr	Dim	Agri	Dim
Sexo Fem.												
Total	8930	5,5	1145	5,7	48	4,8	3	4,7	17	4,4	7717	5,5
<20 Anos	209	3,5	9	3,4	1	3,0	-	-	-	-	199	3,5
20-24	448	3,8	38	4,4	1	2,0	-	-	1	2,0	408	3,7
25-29	953	4,5	65	5,2	2	5,5	-	-	-	-	886	4,4
30-34	1035	5,1	73	5,4	6	3,7	1	4,0	-	-	955	5,1
35-39	1193	5,6	125	5,8	4	5,5	-	-	3	4,0	1061	5,6
40-44	969	6,2	125	5,7	11	6,0	-	-	3	4,7	830	6,3
45-49	980	6,0	159	5,7	5	5,2	-	-	4	3,8	812	6,0
50-54	846	6,2	149	6,6	3	3,0	1	7,0	1	5,0	692	6,1
55-59	571	6,4	98	5,7	5	4,8	-	-	2	1,5	466	6,6
60-64	627	5,6	128	5,3	5	4,8	-	-	1	9,0	493	5,7
65-69	433	5,5	74	6,2	3	3,7	-	-	-	-	356	5,4
70-74	312	5,9	56	6,6	-	-	1	3,0	-	-	255	5,7
75 e + Anos	354	5,1	46	5,0	2	5,5	-	-	2	7,0	304	5,1

6.8.2 - MEIO RURAL

Enquanto que no meio urbano 18,4% da população em 1991 praticava a agricultura e a criação de gado, no mundo rural 87,1% praticavam estas actividades.

No que diz respeito à dimensão dos agregados, no mundo rural a situação é diferente. Contrariamente ao que se verifica no meio urbano, onde a dimensão dos agregados chefiados por agricultores é superior à dos agregados chefiados por pessoas de outras profissões, no campo os agregados com maior número de pessoas são aqueles chefiados por outros trabalhadores do sector primário (7,8 pessoas por agregado).

No seio das mulheres verifica-se também que os agregados formados por mulheres agricultoras são mais numerosos do que as outras profissões (4.052 agregados), equivalente a 21.070 pessoas. As mulheres pescadoras são no total 700 pessoas, possuindo um tamanho médio de 4,8 pessoas por agregado.

Só há 1 agregado de 3 pessoas chefiado por trabalhadora florestal enquanto que o sector primário está representado por 8 agregados com uma média de 7,3 pessoas por agregado. É o grupo social com maior tamanho de agregados, chegando a atingir uma média de 23 pessoas por agregado, na faixa etária de 50 a 54 anos.

Por fim temos as mulheres que exercem outras profissões identificadas. Elas ocupam a segunda posição, entre os profissionais, quanto ao número de agregados (1.670 agregados correspondentes a 8.350 pessoas. A dimensão média é de 5 pessoas por agregado (quadro 38).

Quadro 38-Dimensão dos agregados familiares segundo grupo etário, sexo e profissão do chefe de agregado.

TOTAL DO PAIS

SEXO MASCULINO

GRUPO ETARIO	TOTAL		Agri.Cria. Gado		Pescad. Caçado.		Trab. Flore		Out.Trab. Sect.P		Outros	
	Agr	Dim	Agre	Dim	Agr	Dim	Ag	Dim	Agr	Dim	Agri	Dim
Sexo Masc.												
Total	76804	8.1	67968	8.1	662	8.3	148	9.2	174	8.3	7852	8.4
<20 Anos	751	5.2	513	5.4	3	11.0	-	-	5	5.0	230	4.6
20-24	1656	5.3	1480	5.3	14	5.6	4	4.0	4	6.8	154	4.4
25-29	4724	5.6	4138	5.7	46	5.9	11	5.8	14	6.0	515	5.1
30-34	6363	6.5	5560	6.6	75	6.8	15	6.5	17	5.6	696	6.1
35-39	7987	7.2	6993	7.2	89	6.5	10	8.9	26	7.5	869	7.1
40-44	8027	8.0	7226	7.9	67	8.2	10	11.1	20	7.3	704	8.4
45-49	8153	8.4	7477	8.4	73	7.3	17	8.2	8	8.0	578	8.7
50-54	7088	8.7	6477	8.7	61	8.1	22	9.9	14	10.2	514	9.0
55-59	5244	9.1	4860	9.0	50	10.4	9	12.8	8	7.5	317	10.0
60-64	7829	8.8	7271	8.7	65	10.0	19	10.6	14	8.8	460	9.0
65-69	5695	8.9	5272	8.9	27	9.9	10	7.7	12	11.3	374	9.3
70-74	4999	9.1	4400	9.0	53	11.2	9	10.4	11	8.1	526	9.6
75 e + Anos	8288	9.6	6301	9.3	39	10.0	12	11.6	21	12.5	1915	10.5

Quadro 38-Dimensão dos agregados familiares segundo grupo etário, sexo e profissão do chefe de agregado.

TOTAL DO PAIS

SEXO FEMENINO

GRUPO ETARIO	TOTAL		Agri.Cria. Gado		Pescad. Caçado.		Trab. Flore		Out.Trab. Sect.P		Outros	
	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim	Agr	Dim
Sexo Fem.												
Total	5858	5,1	4052	5,2	127	4,8	1	3,0	8	7,3	1670	5,0
< 20 Anos	261	4,3	76	3,6	4	7,5	-	-	1	2,0	180	4,5
20-24	139	4,7	95	4,8	2	2,0	-	-	1	6,0	41	4,7
25-29	269	4,6	182	4,8	5	2,8	1	3,0	2	2,5	79	4,4
30-34	313	5,9	232	6,2	8	4,3	-	-	-	-	73	5,0
35-39	394	5,5	299	5,5	14	6,7	-	-	-	-	81	5,2
40-44	486	5,4	373	5,6	10	5,2	-	-	1	4,0	102	5,0
45-49	550	5,4	431	5,3	17	4,8	-	-	-	-	102	5,6
50-54	663	5,4	503	5,4	26	5,1	-	-	1	23,0	133	5,3
55-59	421	5,4	324	5,5	10	5,3	-	-	-	-	87	4,9
60-64	780	5,2	557	5,2	12	3,8	-	-	1	12,0	210	5,2
65-69	499	4,7	355	4,6	9	4,1	-	-	-	-	135	5,0
70-74	441	5,0	285	4,8	5	2,6	-	-	-	-	151	5,5
75 e+ Anos	642	4,7	340	4,9	5	3,6	-	-	-	6,0	296	4,6

VII. MULHERES ACTIVAS

Neste capítulo o nosso estudo vai incidir essencialmente sobre a população activa segundo a profissão, por sexo e local de residência (urbano e rural). Nele, vamos tentar explicar em primeiro lugar a situação da população activa geral e em seguida a posição da mulher na actividade económica do país.

Entre a população recenseada de 1991 (979.203 habitantes), 464.842 indivíduos de idades compreendidas entre 8 e mais anos, são activas, o que equivale a 47,4% da população total do país. Estes dados mostram que mais de metade da população guineense é inactiva. Entre as activas, 252.018 pessoas são do sexo masculino (54,2%) e 212.824 do sexo feminino, corespondente a 45,8% da população activa total. Contudo, segundo a população residente por sexo, as mulheres representam 52,6% da população residente com 8 e mais anos, enquanto que os homens representam apenas 47,4%. Isso demonstra que a população feminina activa é inferior à população activa masculina. Por outro lado, a mulher guineense tem um papel preponderante na economia do país. Ela, para além de cuidar do lar, e de se dedicar à educação dos filhos, participa activamente na agricultura e criação de gado, na pesca, comércio, administração pública, ensino, saúde etc. (quadro 39)

Quadro 39-População residente, com 8 e mais anos, activa.

Total do País

Total	Masculino	Feminino
464.842	252.018	212.824

Segundo a profissão principal, a mulher encontra-se representada em todas as profissões referidas no quadro em análise. Em algumas, em pequenas proporções, noutras, mais notoriamente. As profissões em que as mulheres estão mais bem representadas são o comércio e venda, 47,6; serviço de protecção doméstica, agricultura, criação de gado e pesca; 50,4%. Nas restantes profissões como "outros", científicas, técnicas, arte e similares, administração e actividades similares; empregados de indústrias extractiva e transformadora, condutores de máquinas fixas e transporte, são muito pouco "femininas": as mulheres representam apenas 13,7% de toda a população activa nestas profissões (quadro 40).

Quadro 40-População residente com 8 e mais anos, activa, por profissão principal e sexo.

Total do País

Profissão	Total	Masculino	Feminino
Pessoal do comércio vendedores	20.634	10.803	9.831
Serviços de protecção pessoal e doméstico	6.394	3.132	3.262
Agricultura criadores pescadores e caçadores	1.464	184.144	187.320

Profissão	Total	Masculino	Feminino
Científicos, técnicos, artistas e similares	10.025	7.280	2.745
Pessoal administrativo e trabalhadores similares	4.048	2.945	1.103
Trabalhadores das indústrias extractivas, transformadoras, condutores de máquinas fixas de transporte	31.653	29.207	2.446

7.1 - MULHERES ACTIVAS URBANA

Das 464.842 pessoas activas, 109.978 pertencem ao meio urbano (23,6%), entre as quais 65,5% são do sexo masculino e 34,4% do sexo feminino. A população residente urbana com 8 e mais anos representa cerca de 33,1% da população total. Destes, 49,1% são de sexo masculino e 50,9% do sexo feminino. Mesmo assim, a representatividade da mulher na população activa é muito reduzida. A razão deste fenómeno é o baixo nível de instrução das mulheres, pois os trabalhos no meio urbano exigem um certo grau de instrução e especialização.

Além disso, muitos maridos não deixam as suas esposas trabalharem fora do lar. Este facto é verificado em maior grau entre os muçulmanos. Nesta ordem de ideia, no meio urbano, segundo a profissão, as mulheres têm pouca participação em todas as profissões ilustradas neste quadro, salvo na agricultura, criação de gado e pesca, em que conseguem superar os homens em termos de pessoas activas (51,6%). Ver quadro 41 e 42.

Quadro 41-População residente, com 8 e mais anos, activas, por sexo

Meio Urbano

Total	Masculino	Feminino
109.978	72.133	37.845

Quadro 42-População residente, com 8 e mais anos, activa, por profissão principal e sexo

Meio urbano

Profissão	Total	Mascul	Femin..
Científicos, técnicos, artistas e similares	8.308	5.888	2.420
Pessoal administrativo e trabalhadores similares	3.789	2.730	1.059
Pessoal do comércio e vendedores	17.484	9.365	8.119
Serviços de protecção pessoais e domésticos	4.693	2.793	1.900
Agricultores, criadores, pescadores e caçadores	34.366	16.619	17.747
Trabalhadores das indústrias extractivas, transformadoras condutores e maquinas fixas de transporte	26.055	24.059	1.996
Outros	14.344	9.882	4.462

7.2 - MULHERES ACTIVAS RURAL

No mundo rural, a população activa é de 354.864 pessoas representando 76,3% da população activa total. A população activa rural é 3 vezes superior à população activa urbana. Entre a população activa rural, 50,6% são do sexo masculino e 49,3% do sexo feminino. No campo, a repartição da população activa é quase equilibrada entre os dois sexos. Estes dados confirmam a equitativa do homem e da mulher para o desenvolvimento económico do país.

Relativamente à população residente rural de 8 e mais anos, ela representa 47,3% da população total, dos quais 46,7% são do sexo masculino e 53,3% do sexo feminino. Apesar da população feminina rural ser maioritária, ela é menos activa do que os homens. Contudo a diferença é insignificante (50,7% para os homens e 49,3% para as mulheres). (quadro 43).

Quadro 43-População residente com 8 e mais anos, activa, por sexo

Total	Masculino	Femenino
354.864	179.885	174.979

Contrariamente ao meio urbano, no mundo rural as mulheres em profissão são muito activas, salvo nas profissões que exigem nível alto de instrução e especialização tais como profissões Científicas e técnicas, arte, administração, empregadas de indústrias extractivas, transformadoras e outras, nas quais apenas 18% de mulheres estão representadas.

Inversamente, no comércio, venda, serviços de protecção doméstica, agricultura, criação e pesca, a participação feminina é mais acentuada. Por outras palavras, no meio rural, nestas profissões as mulheres são mais activas do que os homens. No comércio e venda elas representam 54,3% da população activa desta profissão; nos serviços de protecção pessoal e doméstica, 80%; e por fim na agricultura, criação e pesca representam 50,3% das pessoas empenhadas nestas actividades. Isto prova, mais uma vez, que a mulher desempenha um papel importante no desenvolvimento económico do país (quadro 44).

Quadro 44 - População residente, com 3 e mais anos, activa, por profissão principal e sexo.

Meio Rural

Profissão	Total	Mascu.	Femini.
Científicos, técnicos, artista e similares	1.717	1.392	325
Pessoal administrativo e trabalhadores similares	259	215	44
Pessoal do comércio e vendedores	3.150	1.438	1.712
Serviços de proteção pessoais e doméstico	1.701	339	1.362
Agricultores, criadores, pescadores e caçadores	337.098	167.525	169.573
Trabalhadores das indústrias extractivas, transformadoras, condutores e máquinas fixas de transporte	5.270	5.148	450
Outros		3.766	1.504

7.3 - MULHERES ECONOMICAMENTE ACTIVAS

A população economicamente activa é a população ocupada ou empregada. Em 1979, eram 213.010 pessoas, ao passo que em 1991 passou para 450.114 pessoas, o que significa que cresceu à taxa de 6,4%. Esta taxa de crescimento deve-se essencialmente ao crescimento da população activa feminina, devido ao novo tratamento dado ao trabalho feminino. Além disso, a alta taxa de natalidade verificado nos primeiros anos da independência contribuiu bastante para o crescimento da população activa.

A população economicamente activa representa 96,8% da população activa total, entre as quais 53,6% são homens e 46,3% mulheres. Eis a confirmação do papel da mulher no desenvolvimento sócio-económico do país. A mulher, apesar do seu baixo nível de instrução, luta ao lado do homem em todas as situações da vida (quadro 45).

Quadro 45 - População residente, com 8 e mais anos, activa

Total do País

Empregada		
Total	Masculino	Feminino
450.114	241.417	208.697

7.3.1 - MULHERES ECONOMICAMENTE ACTIVAS URBANA E RURAL

Tendo em conta que a população economicamente activa encontra-se distribuída de uma forma desigual, o meio urbano detém 98,9% das pessoas economicamente activas ou empregadas e o meio rural comporta 351.122 pessoas, correspondentes, respectivamente a 21,1% e 78%. Entre as empregadas do meio urbano, 65,1% são do sexo masculino e 34,8% do sexo feminino. Esta disparidade deve-se principalmente ao baixo nível de instrução das mulheres, dado que as exigências de alta qualificação para o emprego no meio urbano desfavorece grandemente a população feminina.

No meio rural a situação é inversa, pois das pessoas ocupadas 50,3% representam a população masculina e 49,6% a feminina. Com estes dados, concluímos que a proporção de mulheres empregadas no meio rural é quase igual à proporção dos homens. É obvio este equilíbrio, pois no campo a actividade principal é a agricultura que requer muita mão de obra. (quadro 46).

Quadro 46 - População residente com 8 e mais anos activa

Urbana

Empregadas		
Total	Masculino	Feminino
98.922	64.521	34.471

Rural

Empregadas		
Total	Masculino	Feminino
351.122	176.896	174.226

7.4 MULHERES EMPREGADAS POR PROFISSÃO PRINCIPAL

A maioria esmagadora da população guineense economicamente activa exerce as suas actividades no ramo da agricultura, pastorícia, pesca e caça (82,4%). A seguir a estes ramos vitais temos os trabalhadores das indústrias extractivas, transformadoras, condutores de maquinas fixas e de transporte, que totalizam 6,9%. O comércio a grosso e a retalho é um ramo de actividade económica que expandiu graças à liberalização económica. 4,5% de pessoas estão ocupadas neste ramo de actividade. É também de salientar que a explosão do comércio impulsionou o ramo dos serviços (pessoais e sociais), dada a necessidade da vigia dos armazéns ou depósitos de mercadoria devido ao surto do roubo. Os serviços de protecção empregam um total de 1,4% da população empregada. As pessoas que exercem profissões ligadas à ciência, técnica, arte e actividades similares representam 2,2% de empregados. Existem ainda 1,3% de pessoas cujas profissões não ficaram bem definidas e que foram incluídas na categoria de "outros". O pessoal administrativo e trabalhadores similares são os menos representativas de todos, com 0,8% de pessoas empregadas no ramo.

Relativamente às mulheres, de um modo geral são as menos empregadas. Mas existem profissões, em que têm maior representatividade. Por exemplo, os serviços de protecção pessoal e doméstica; comércio e venda; agricultura, criação de gado e pesca empregam grande proporção de mulheres, a saber, 0,7%, 2,1% e 41,6% dos 1,4%, 4,5% e 82,4% de pessoas empregues nos referidos ramos.

Nas restantes profissões frizadas neste quadro em análise o emprego das mulheres é muito reduzido, dada a própria natureza do trabalho. Há profissões que exigem maior esforço físico e que não são adequadas às mulheres, porque elas são fisicamente mais frágeis que os homens. O baixo nível de instrução é também um fenómeno que dificulta grandemente o emprego das mulheres em profissões que exigem maior qualificação e especialização. Eis a razão porque as mulheres se encontram mais ocupadas em profissões de baixo nível profissional (quadro 47).

Quadro 47 - População residente com 8 e mais anos, empregada por profissão principal

Total do País

Empregados			
Profissão	Mascul.	Femen.	
Total	241.417	208.697	
Científicos, técnicos, artistas e similares	7.200	2.727	
Pessoal administrativo e trabalhadores similares	2.884	1.083	
Pessoal do comércio e vendedores	10.657	9.800	
Serviços de proteção, pessoal e domésticos	3.080	3.243	
Agricultores, criadores, pescadores e caçadores	183.890	187.278	
Trabalhadores das indústrias extrativas, transformadoras, condutores e máquinas fixas de transporte	28.727	2.391	
Outros	4.131	2.026	

7.4.1 - MULHERES EMPREGADAS POR PROFISSÃO PRINCIPAL SEGUNDO O MEIO DE RESIDÊNCIA

Em conformidade com os dados deste quadro, a agricultura é a única profissão em que as mulheres têm uma participação massiva (51,7%). Nas outras profissões elas têm pouca representatividade, salvo no comércio onde representam quase a metade das pessoas urbanas empregadas no ramo (46,7%).

Contrariamente ao meio urbano, no mundo rural as mulheres têm grande participação nos ramos do comércio, serviços de proteção pessoal e doméstica e na agricultura, criação animal e pesca. Elas representam, respectivamente, 54,3%, 80% e 50,3% das pessoas ocupadas nestas profissões no campo. Tudo isto dá-nos a entender que existem mais mulheres ocupadas no campo do que nas cidades. (quadro 48).

**Quadro 48 - População residente com 8 e mais anos empregada
por profissão principal segundo o meio de residência.**

Urbano

Empregados			
Profissão	Masculino	Femenino	Total
Total	64.521	34.471	98.992
Científicos, técnicos, artistas e similares	5.810	2.403	8.213
Pessoal administrativo e trabalhadores similares	2.669	1.039	3.708
Pessoal do comércio e vendedores	9.220	8.089	17.309
Serviços de proteção, pessoal e domésticos	2.741	1.882	4.623
Agricultores, criadores, pescadores e caçadores	16.540	17.728	34.268
Trabalhadores das indústrias extrativas, transformadoras, condutores e máquinas fixas de transporte	23.585	1.941	25.526
Outros	3.170	1.249	4.419

Rural

Empregados			
Profissão	Masculino	Femenino	Total
Total	176.896	174.226	351.122
Científicos, técnicos, artistas e similares	1.390	324	1.714
Pessoal administrativo e trabalhadores similares	215	44	259
Pessoal do comércio e vendedores	1.437	1.711	3.148
Serviços de proteção, pessoal e domésticos	339	1.361	1.700
Agricultores, criadores, pescadores e caçadores	167.350	169.550	336.900
Trabalhadores das indústrias extrativas, transformadoras, condutores e máquinas fixas de transporte	5.142	450	5.592
Outros	961	777	1.738

7.5 - MULHERES DESEMPREGADAS

Globalmente, existia no país, em 1991, um total de 3,1% de pessoas activas desempregadas, entre as quais 28% eram mulheres. Portanto nem todas as pessoas activas estavam ocupadas. Algumas procuram primeiro emprego; outras, mais um emprego, e assim sucessivamente.

As mulheres com idades compreendidas entre 15 e 39 anos são as mais afectadas. Representam cerca de 86,5% das desempregadas e 24,2% do total dos desempregados. As mulheres desempregadas são proporcionalmente em menor número em relação aos homens, porque estão menos representadas na população economicamente activa.

Segundo a profissão principal, os desempregados que procuram emprego são, no total, 940 pessoas, equivalentes a 6,4% do total dos desempregados, e os que procuram o primeiro emprego são o número de 13.788 pessoas, isto é 93,6% dos desempregados. De acordo com as profissões citadas no quadro em análise, a rubrica "outros" que são situações mal definidas, representam 91,4% do total dos desempregados à procura do primeiro emprego. Esta situação deve-se às anomalias registadas no momento do recenseamento. Em seguida temos 535 desempregados no seio dos trabalhadores das indústrias extractivas, transformadoras, condutores de máquinas fixas e de transporte, estando 25 pessoas do sexo feminino deste grupo desempregadas.

Os agricultores, criadores de animais, pescadores e caçadores têm um total de 296 pessoas desempregadas (2%), sendo 42 pessoas do sexo feminino. Neste caso, a maioria dos desempregados são caçadores e pescadores que, por falta de meios materiais, não conseguem exercer sua profissão.

O pessoal do comércio e vendedores desempregados atingem 1,2% e este grupo deve ser maioritariamente constituído por comerciantes que, possuindo alvarás, não exercem as suas funções ou por dificuldades financeiras ou porque foram arruinados pela concorrência. As restantes profissões têm um baixo número de desempregados (menos de 100 pessoas). É muito importante salientar que em todas as profissões aqui frizadas verifica-se uma proporção muito baixa de mulheres desempregadas (28%). Isto deve-se à proporção de mulheres ligadas à vida económica do país e à comparação com os homens (quadro 49).

Quadro 49 - População residente com 8 e mais anos, desempregado, por profissão principal.

Total do País

Desempregados			
Profissão	Masculino	Femenino	Total
Total	10.601	4.127	14.728
Científicos, técnicos, artistas e similares	80	18	98
Pessoal administrativo e trabalhadores similares	61	20	81
Pessoal do comércio e vendedores	146	31	177
Serviços de proteção, pessoal e domésticos	52	19	71
Agricultores, criadores, pescadores e caçadores	254	42	296
Trabalhadores das indústrias extrativas, transformadoras, condutores e máquinas fixas de transporte	480	55	535
Outros	9517	3.940	13.457

7.5.1 - MULHERES DESEMPREGADAS URBANA E RURAL

Apesar de haver muito menos desempregados do que empregados (3,1% de desempregados contra 96,8% de empregados), existem meios onde o seu peso é dominante. O desemprego faz-se sentir mais no meio urbano, que lida com 74,5% do desemprego total do país.

No meio urbano o desemprego verifica-se em todos os ramos de actividade económica, salvo na agricultura. É normal que assim seja, pois o meio urbano tem uma grande concentração de actividades económicas não agrícolas.

Entre as mulheres desempregadas, 22,9% encontram-se no meio urbano e 5,1% no meio rural. Tanto no meio urbano como rural, o desemprego das mulheres atinge sobretudo a categoria profissional denominada "outros". Nesta categoria, as mulheres do meio urbano representam 21,8% do desemprego total e as do meio rural, 4,9%, o que equivale a 26,7% do desemprego feminino total. Estes dados dão-nos a entender que os restantes ramos de actividade económica acolhem 1,3% de mulheres desempregadas em todo o país. O desemprego não é uma característica dominante da população feminina activa (quadro seguinte).

Urbano

Desempregadas			
Profissão	Masculino	Femenino	Total
Total	7.612	3.374	10.986
Científicos, técnicos, artistas e similares	78	17	95
Pessoal administrativo e trabalhadores similares	61	20	81
Pessoal do comércio e vendedores	145	30	175
Serviços de proteção, pessoal e domésticos	52	18	70
Agricultores, criadores, pescadores e caçadores	79	19	98
Trabalhadores das indústrias extrativas, transformadoras, condutores e máquinas fixas de transporte	474	55	529
Outros	6.712	3.213	9.925

Rural

Desempregadas			
Profissão	Masculino	Femenino	Total
Total	2.989	753	3.742
Científicos, técnicos, artistas e similares	2	1	3
Pessoal administrativo e trabalhadores similares	---	---	---
Pessoal do comércio e vendedores	1	1	2
Serviços de proteção, pessoal e domésticos	---	1	1
Agricultores, criadores, pescadores e caçadores	175	23	198
Trabalhadores das indústrias extrativas, transformadoras, condutores e máquinas fixas de transporte	6	---	6
Outros	2.805	727	3.532

VIII. CONCLUSÃO

Ainda que a população feminina represente 51,8% da população guineense, é a menos beneficiada em vários aspectos da vida social. De acordo com os resultados obtidos neste estudo, chegamos à conclusão de que há muito ainda por fazer para mudar a posição da mulher no contexto nacional.

Relativamente à instrução, somente 38,8% de mulheres com idades compreendidas entre os 7 e 20 e mais anos frequentavam a escola em

1991, sendo a taxa de analfabetismo feminino de 82%.

Verificou-se também que a religião católica jogou um papel importante na alfabetização da nossa população feminina, dado que o analfabetismo é menos importante no seio das mulheres católicas (48%). Ficou também patente que os grupos com maior proporção de analfabetos são os fulas, mandingas e balantas.

Apesar destas conclusões, a mulher guineense continua a ter um papel preponderante no desenvolvimento sócio-económico do país, principalmente no meio rural, onde representa 49,6% da população economicamente activa.

BIBLIOGRAFIA

- 1- Política e Estratégias de Integração da Mulher no Desenvolvimento; Janeiro de 1994 MASPF.
- 2- Quadro 1: Estrutura da população residente no país por grupo etário
- 3- Quadro 1: Estrutura da população feminina residente por grupo etário
- 4- Quadro 2: Taxa de feminidade por grupo etário e meio de residência
- 5- Quadro 2: Taxa de feminidade por região
- 6- Quadro 3: Taxa de feminidade segundo o grupo etário, meio de residência e estado civil
- 7- Quadro 4: Taxa de feminidade segundo o estado civil, região e meio de residência
- 8- Quadro 5: Taxa de escolarização segundo o sexo, idade e meio de residência
- 9- Quadro 6: Taxa de analfabetismo segundo o grupo etário e sexo
- 10- Quadro 2.2: Pessoas a viver em agregados familiares, segundo o estado civil e sexo do chefe de agregado
- 11- Quadro 2.2B: Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo e nível de instrução do chefe de agregado
- 12- Quadro 2.2C: Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo e actividade do chefe de agregado
- 13- Quadro 2.2D: Dimensão dos agregados familiares segundo o grupo etário, sexo e profissão do chefe de agregado
- 14- Quadro 7.5: População residente, com 3 e mais anos, activa, por profissão principal e sexo